

LIVROS E LEITURAS NA CLAUSURA FEMININA DE SETECENTOS*

Preâmbulo

Fui eu, pois, ter com o anjo, dizendo-lhe que me desse o pequeno livro. E ele me disse: "Toma e devora-o! Ele te será amargo nas entranhas, mas, na boca, doce como o mel".

Apocalipse 10, 9-10

A questão das leituras femininas, entendida abrangentemente no plano dos conteúdos e no das suas formas e modalidades, é um campo que tem dinamizado bastante os círculos de investigação nos anos mais recentes, mas que, pela complexidade que envolve, está ainda longe de poder fornecer respostas exactas ou dados absolutamente inquestionáveis, sobretudo para os séculos XVI a XVIII¹. As reflexões que aqui se apresentam resultam da atracção inevitável que esta problemática sempre suscita, mas pouco mais poderão fazer do que indiciar hipóteses, constatar surpresas, apontar probabilidades, registar mais alguns factos e levantar ainda mais algumas questões.

*Comunicação apresentada no Seminário de Estudios Medievales y Renascentistas, organizado pelo Departamento de Literatura Española e Hispanoamericana da Universidade de Salamanca, em 5 de Fevereiro de 1999, ainda inédita, com algumas actualizações.

¹ José Adriano de CARVALHO ensaiou, para o contexto português, um itinerário de leitura de religiosas clarissas e franciscanas em Portugal, a partir da recolha de testemunhos colhidos em Fr. Jerónimo de Belém e em Fr. António das Chagas. Ver "Do Recomendado ao lido. Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no séc. XVII", in *Via Spiritus*, Ano 4, 1997, pp.7-56.

Interessa-nos, especificamente, a determinação do universo da leitura no interior dos conventos e mosteiros femininos, embora o panorama da leitura monástica tenha necessariamente de ser compulsado com a formação cultural e espiritual das senhoras, fora do ambiente claustral². Neste campo da determinação e reconstituição do circuito de leituras monásticas, subscrevemos inteiramente a posição de Danilo Zardin, para quem as tentativas de reconstruir a circulação dos livros nos ambientes conventuais não podem prescindir dos contornos da realidade local onde esses conventos se inseriam³.

É, pois, no âmbito da interacção entre ambiente de leitura e realidade social que deve ser perspectivada a questão da leitura nos conventos femininos. E tomamos como mote inicial para a nossa reflexão as seguintes constatações de Fr. Jerónimo de Belém, a propósito da entrada em religião de uma D. Violante no Convento da Madre de Deus de Xabregas: *Tinha particular graça, e expedição em ler livros, assim portugueses, como castelhanos; e como já por esta prenda fosse conhecida entre as senhoras da corte, quando ela entrou neste Mosteiro, disse a Senhora Infanta D. Catarina às religiosas: "Tendes aqui agora em Dona Violante uma grande leitora"*⁴.

Estas palavras da Infanta D. Catarina, filha de D. João IV, a respeito de Soror Violante de Jesus Maria, agulham de facto pertinentemente com a questão que nos interessa desenvolver ao longo destas páginas: a das leitoras e a da assiduidade e especificidade das leituras, no ambiente da clausura feminina portuguesa.

Fr. Jerónimo de Belém refere a fama de leitora de D. Violante não só na corte, mas, repare-se, *entre as senhoras da corte*. Esta indicação, se calhar involuntária, talvez possa apontar para uma prática de leitura na corte, em modalidade colectiva e em espaços partilhados sobretudo entre senhoras, ou em modalidade isolada, mas seguida de um comentário colectivo entre ou para essas mesmas senhoras, que veriam em D. Violante uma excepção utilíssima ao horizonte cultural relativamente restrito, imposto, na altura, à generalidade das damas portuguesas.

No entanto, algumas interrogações se esboçam desde logo. Que modalidade de leitura cumpriria D. Violante? Leitura silenciosa? Leitura para um grupo, em

² Nesse sentido, a história da leitura, enquanto disciplina, não deixará nunca de cruzar-se com a história cultural, particularmente nas alíneas mais específicas da história textual e da história editorial.

³ Cf. ZARDIN - *Donna e religiosa di rara eccellenza. Prospera Corona Bascapè, I libri e la cultura nei monasteri milanesi del Cinque e Seicento*, Firenze, Leo S. Olschiki, 1992, p. 220.

⁴ Extraído de Fr. Jerónimo de BELÉM - *Crónica Seráfica da Santa Provincia dos Algarves (...)*, Parte III, Lisboa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Câmara Real de Sua Majestade Fidelíssima, 1755, p. 197.

voz alta? Leitura com comentários? E comentários orais ou comentários escritos? Que informação passava realmente a Infanta D. Catarina às religiosas da Madre de Deus, quando caracterizava D. Violante como uma *grande* leitora?

Uma primeira hipótese é a de que a Infanta informava as religiosas do quanto uma rapariga assim dotada poderia ser útil à vida espiritual da comunidade, quer pela capacidade de ler em voz alta (o que se infere de “tinha particular graça (...) em ler livros”), para usufruto de todas as religiosas⁵, quer para ler isoladamente, mas partilhando depois o resultado das suas leituras. Mas a designação de *leitora* recobriria então apenas a área restrita da capacidade de saber ler, essa *operação abstracta da inteligência*, como lhe chama Chartier⁶? Não poderia também implicar uma qualidade privilegiada de intérprete de textos, cujo conteúdo podia não ser facilmente captado por pessoas menos preparadas? A ser esse o sentido, a presença de D. Violante entre as religiosas da Madre de Deus revestir-se-ia ainda de maior importância. E o que significaria de facto o adjectivo *grande*? Seria sinónimo de quem lê muito, isto é, muitas vezes ou muitas horas? É possível, uma vez que a mesma religiosa, ainda em casa de sua Mãe, *com este livro nas mãos [tratava-se de um exemplar da Afeição e Amor de Jesus, de Eusébio Nieremberg⁷] e as lágrimas nos olhos passava muitas horas⁸*, como narra o cronista citado. Ou de quem lê muitas vezes e muitos livros, ou muitas vezes o mesmo livro? Ou de quem é particularmente dotada para o entendimento dos livros? Sobre este ponto, o cronista refere a propósito da mesma obra que Soror Violante lera antes de entrar para religiosa: *e cada folha que dele lia era um novo estímulo para o seu desenganho.*⁹ Implicará por isso, ainda, o adjectivo *grande* a capacidade de quem renova e se

⁵ Roger CHARTIER chama a atenção para a necessidade de se ter em conta que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos (Cf. *Culture écrite et société – L’ordre des livres (XVI.e – XVIII.e siècles)*, Paris, Albin Michel, 1996, p. 135.) e de se procurar, conseqüentemente, entender as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores. No âmbito do universo conventual, a prática de leitura comunitária em voz alta aparece bastante documentada nas crónicas monásticas – e variadas vezes nesta mesma *Crónica Seráfica* –, registando-se alguns casos de religiosas que, estando doentes, pediam para se lhes ler determinada passagem de um dado livro. Se tinham tido acesso a essa passagem a que conferiam então especial importância através de um contacto directo, pessoal, silencioso e solitário, não o sabemos. Mas sabe-se, pelo menos, e isso já constitui por si só um facto relevante, que o pedido para que outras lessem em voz alta a passagem de que alguém tinha necessidade constituía uma prática que tomou corpo no interior da clausura feminina portuguesa.

⁶ Ver Roger CHARTIER - *Culture écrite et société (...)*, op. cit., p. 139.

⁷ Veremos que este autor e este mesmo título aparecem com uma frequência assinalável nos catálogos das livrarias monásticas femininas, pelo que é lícito avançar a hipótese de que, em algumas áreas de formação espiritual, as senhoras, religiosas ou não, partilhavam de facto uma zona comum.

⁸ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 202.

⁹ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 202.

¹² Para uma panorâmica do que foi a produção literária conventual feminina portuguesa, ver Isabel MORUJÃO - *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos sécs. XVII e XVIII (impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 1995.

¹³ Para uma época já tardia e para um contexto algo diferente (não conventos femininos, mas recolhimentos de beatas), Maria de Fátima CASTRO regista, na análise das devassas realizadas ao Recolhimento das Beatas de Santo António do Campo da Vinha, particularmente na sentença de 28 de Fevereiro de 1745, a recomendação da leitura dos *Exercícios* de Santo Inácio feita a Domingas da Trindade, como castigo pela falta de obediência à Regente: “Mandam que esteja nove dias na sua cela

disposições¹⁴, que permitiram traçar o quadro de leituras paradigmaticamente adequadas aos mosteiros milaneses. Alguns dos títulos por ele elencados também ocorrem nas livrarias de que temos notícia¹⁵, o que pode indiciar que a cultura portuguesa absorvia alguma coisa dos modelos externos, embora não se possa comparar a formação literária e espiritual de uma religiosa portuguesa - que não se sabe bem em que consistia nem o que de facto pressupunha - com a de uma religiosa milanesa, para quem havia um percurso didáctico-literário a percorrer até chegar a religiosa professa. Aliás, em Milão, foram recorrentes as edições de obras que referiam as leituras necessárias a esse itinerário. Ora se em Milão existem listas de restrições e de condescendências de leitura no ambiente de clausura feminina, Danilo Zardin interpreta-as como entrevisão da existência de um precedente hábito de leitura nos mosteiros, mais livre e mais acidentado¹⁶. Em Portugal, há que permanecer, dada a míngua de dados, no terreno da reconstituição hipotética, alicerçada em achados ocasionais, em informações pontuais e quantas vezes tendenciosas ou alimentadas pelo fôlego da imaginação hagiográfica. Neste quadro, nenhuma conclusão atinge a sistematicidade ou o rigor das certezas fundamentadas em documentos oficiais ou oficiosos.

Para o contexto português, outra questão se afigura pertinente: saber de onde provinham os critérios de escolha dos livros que serviam o uso colectivo das comunidades religiosas femininas, e que seriam talvez os que as religiosas poderiam ler em grupo... A partir dos testemunhos que nos é dado conhecer pode talvez concluir-se que o espaço colectivo de leituras, além de controlado pela abadessa e pela mestra de noviças, também era moldado segundo sugestões do exterior, como as do padre confessor, as do orientador espiritual, etc. A este respeito, as recomendações de leitura feitas por Fr. António das Chagas a algumas religiosas, colhidas nas suas *Cartas Espirituais*¹⁷, são indício de muitas outras propostas de leitura, que, embora nunca sistematizadas, podemos também encontrar retomadas

e nela tome os exercícios de Santo Inácio e no fim deles peça perdão não só à Regente mas também a toda a comunidade". Também os Estatutos do Recolhimento, reformulados em 1746-47, previam que "o confessor regularia a cada uma os exercícios de Santo Inácio" (Ver Maria de Fátima CASTRO - *O Recolhimento das Beatas de Santo António do Campo da Vinha*, Separata do vol. XLVI da *Revista Cultural Bracara Augusta*, Braga, Edição da Câmara Municipal de Braga, 1995/6, pp. 169-250).

¹⁴ Danilo ZARDIN - *op. cit.*

¹⁵ São comuns a Portugal, por exemplo, as *Crónicas dos Franciscanos* de Fr. Marcos de Lisboa, que aparecem nos conventos de Sta Clara de Vila do Conde, S. Bento de Ave-Maria e Madre de Deus. E também os hagiológicos franciscano e dominicano.

¹⁶ Cf. Danilo ZARDIN - *Donna e Religiosa (...) op. cit.*, p. 227.

¹⁷ Frei António das CHAGAS - *Cartas Espirituais*, introdução, notas e fixação do texto de Isabel Morujão, Porto, Campo das Letras, 2000.

difusamente em outros autores, como o Pe. Bernardes, o Pe. Ávila, Luís de Leon, Luís de Granada, entre vários. É claro que se trata apenas, aí, de propostas e conselhos de leitura, actos de fala que nem vinculam à leitura efectiva por parte de quem os recebe, nem emanam de nenhuma atitude oficial ou oficiosa, como aconteceu em Milão, com as directivas do episcopado a propósito das leituras das religiosas...

Efectivamente, por questões internas ao monacato feminino em Milão e relacionadas com problemas de reforma e de disciplina, nos decretos resultantes das visitas aos conventos, bispos e vigários recomendavam às monjas a leitura das obras de Luís de Granada, particularmente o *Guia de Pecadores*, que aconselhavam a copiar, para saberem de cor¹⁸. Aliás, todas as obras de Granada conheceram grande fortuna no universo pós-tridentino¹⁹. Assim, em Milão, as sugestões de leituras tornaram-se, a partir de finais do século XVI e com amplo desenvolvimento no séc. XVII, cada vez mais explícitas, apelando às vidas de santos e à leitura de Gerson.

Em 1603, edita-se em Milão, em estreita relação com a cúria milanesa, a obra de Marco Aurelio Grattarola, *Prattica della vita spirituale per le monache*, do editor do arcebispado Giovanni Battista Piccaglia²⁰. Nesta *Prattica* (...) de Grattarola, além de instruções para a vida espiritual, sugere-se mesmo um conjunto de livros a ter disponíveis no “Noviciado”, de modo a que cada candidata pudesse dispor de um exemplar para seu uso. Devemos articular esta directiva com a orientação da leitura silenciosa valorizada pela *Devotio Moderna* e de que iremos encontrar provas na proliferação de vários exemplares de uma mesma obra no catálogo do Convento de S. Bento de Ave-Maria, no Porto, por exemplo. Na obra de Grattarola frisa-se que se devem excluir os livros não espirituais e os reprovados pelo padre confessor, e enumera-se uma lista de várias obras, entre as quais:

A Imitação de Cristo de Gerson

O Gerson de Pinelli e de outras várias obras do autor.

Girolamo Piatto

Todas as obras de Granada

¹⁸ ZARDIN - *op. cit.*, p. 225. Nesta página, Zardin cita o *Ordinationi per riformatione d'esso monasterio*, 23 febbraio 1569.

¹⁹ Para o contexto português, a presença e influência da obra de Fr. Luís de Granada foi profundamente analisada por Maria Idalina Resina RODRIGUES - *Fray Luis de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, Universidad Pontificia de Salamanca / Fundación Universitaria Española, 1988. Como factor de conversão, no séc. XVII, é célebre a leitura desse *Guia de pecadores* feita por António da Fonseca Soares, mais tarde Fr. António das Chagas, por ocasião da sua viagem à Baía.

²⁰ ZARDIN - *op. cit.*, p. 232.

As *Meditações* do jesuíta Vincenzo Bruni (1532-1594)
As *Meditações* de Gaspar Loarte (1498-1578)
As *Meditações* de Andrés Capilla (1529-1609)
A *História Evangélica* de Giovanni Pietro Giussani
As *Crônicas* de S. Francisco e de S. Domingos
O *Legendário das Vidas de Santos*
O *Aproveitamento Espiritual*
do jesuíta Francisco Arias.

Além destas indicações, os manuais de confessores para monjas, ou os “espelhos” que tanto circularam na época, como o de Giovanni Pietro Barchi (*Specchio religioso per le monache (...)*, Milão, 1609), aconselhavam, no âmbito do encaminhamento da vida espiritual, a leitura de Gerson do Padre Pinelli e de outros livros espirituais. Em 1621, no *Catechismo ad uso delle figliole desiderose di farsi monache*, Luigi Bossi reitera alguns destes títulos, incorporando também o jesuíta Alonso Rodrigues, para o santo estudo e prática da meditação²¹. E as sugestões respeitantes ao exame preliminar para ingresso na profissão religiosa reforçavam as mesmas leituras. Trata-se, como se vê, de uma formação de raiz jesuíta em Milão no século XVII, codificada e encarada como propedêutica de uma entrada para a vida religiosa, que não se fazia sem percurso de leituras.

Para Portugal, desconhecemos, até ao momento, para além dos conselhos dados pontualmente e não de forma organizada, obras deste teor directivo e atinentes ao esboço de uma biblioteca formativa de religiosas. E os catálogos que usamos para este trabalho, na sua maioria enviados pelas bibliotecas conventuais à Real Mesa Censória para cumprir o edital de 1769, surgem-nos já um pouco tardios, numa época em que, por motivos políticos, as obras de jesuítas já não eram tão bem vistas e onde, portanto, algumas poderão ter sido silenciadas nos catálogos ou terem sido retiradas das casas religiosas femininas por alguns confessores mais zelozos.

Fontes documentais

a) Os Inventários

A principal fonte documental deste trabalho foi um conjunto de catálogos de livrarias de conventos femininos, disponíveis no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, relativos ao cumprimento do edital régio de 10 de Julho de 1769, pelo qual a Real Mesa Censória solicitou a todo o país a inventariação das bibliotecas privadas,

²¹ ZARDIN - *op. cit.*, p. 231.

de instituições e monásticas. Consideraram-se ainda o “Catálogo dos livros do Convento do Calvário da cidade de Évora” e o “Catálogo dos livros que há no Convento de Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto desta cidade de Lisboa”, existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, que, embora não saibamos se provêm ou não do cumprimento do edital²², são do século XVIII e servem os objectivos que nos propomos atingir. São os seguintes:

- 1- Catálogo dos livros do Real Mosteiro de S. Bento de Ave-Maria da cidade do Porto e das religiosas do mesmo.
R.M.C. Cx. 118, cat. nº 444
- 2- Catálogo dos Livros do Mosteiro de S. Salvador de Vairão (assinado pela abadessa).
R. M. C. Cx. 131, cat. nº 2448
- 3- Catálogo dos livros espirituais das religiosas do Mosteiro da Santíssima Trindade de N. Sr^a dos Remédios de Campo Lide de Lisboa.
R. M. C., Cx. 131, cat. nº 2480
- 4- Catálogo dos livros da livraria e uso das religiosas do Convento de N. Sr^a da Madre de Deus, extra muros desta cidade de Lisboa.
R. M. C., Cx. 125, cat. nº 1656
- 5- Rol dos livros da comunidade de Santa Clara de Vila do Conde.
R. M. C., Cx. 130, cat. nº 2419
- 6 - Catálogo dos livros do Convento do Calvário da cidade de Évora.
Biblioteca Nacional de Lisboa
- 7- Particular de Soror Josefa dos Anjos, religiosa no Convento do Salvador de Évora.
R. M. C., Cx. 132, cat. nº 2583

²² De qualquer forma, os catálogos em causa obedecem aos mesmos critérios de organização por temas ou por ordem alfabética e por formatos (sobretudo o catálogo das carmelitas...) e não é de pôr de lado a hipótese de terem sido catálogos elaborados para cumprir o edital, sem terem sido enviados, ou de serem cópias das listas enviadas à Real Mesa... A ausência de referência à Mesa não é factor exclusivo desta hipótese, pois nem todos os catálogos existentes nos arquivos da Real Mesa Censória apresentam a indicação de que eram resposta ao cumprimento do edital.

- 7 a)- Esses livros pertencem a Sor Joana de Santa Teresa, religiosa no Convento do Salvador de Évora.
R. M. C., Cx. 122, cat. nº 1046
- 8- Livros do uso de D. Josefa Casimira Botelho, religiosa professa no Real Mosteiro de Santos Novos.
R. M. C., Cx. 133, cat. nº 2717
- 8 a)- Catálogo dos livros do uso de D. Catarina da Câmara, religiosa no Real Mosteiro de Santos desta cidade.
R. M. C., Cx. 118, cat. nº 504
- 8 b)- Livros do uso de D. Margarida Juliana, religiosa professa no Convento de Santos desta cidade.
R. M. C., Cx. 129, cat. nº 2178
- 9- Catálogo dos livros da Madre Leonor Joaquina, assistente no Mosteiro de Nossa Sr^a da Piedade da Esperança de Lisboa.
R. M. C., Cx. 125, cat. nº 1627
- 9 a)- Catálogo dos livros do uso da Madre Soror Leonor do Sacramento e Soror Maria Rosa, religiosas do Mosteiro de N. Sr^a da Piedade da Esperança desta corte.²³
R. M. C., Cx. 133, cat. nº 2669
- 10- Rol dos livros da comunidade e particulares que se acham em este Mosteiro de N. Sr^a do Bom Sucesso²⁴.
R. M.C., Cx. 118, cat. nº 441
- 11- Dos livros das religiosas de Santa Brízida do Convento de N. Sr^a da Conceição de Marvila.

²³ Ter-se-ão juntado as duas bibliotecas numa só, por comodidade e poupança de trabalho e tempo, ou tratar-se-á de um caso de biblioteca partilhada?

²⁴ Existe um outro catálogo, que lhe está anexado, intitulado "Livros que mandou Miguel Manescal da Costa para este convento, em 29 de Novembro de 1779. Será erro por 1769? Se não for, significa que, durante anos, as bibliotecas foram enviando à Mesa acrescentos dos livros que entretanto iam recebendo, ou adquirindo, ou descobrindo.

- R. M. C., Cx. 118, catálogo nº 442
- 12- Catálogo dos livros das religiosas do Real Convento do Santíssimo Crucifixo, chamado vulgarmente as Francezinhas em Lisboa.
R.M.C., Cx. 118, cat. nº 454
- 13- Catálogo dos livros que possui D. Mariana Francisca de Miranda Henriques, Religiosa professa no Convento da Encarnação, que remete à Secretaria da Real Mesa Censória em observância do Edital de 10 de Julho do ano próximo passado de 1769.
R. M. C., Cx. 129, cat. nº 2257
- 14- Livros de que usa D. Mariana Filipa de Faro, religiosa professa de Mosteiro de Chelas.
R.M.C., Cx. 129, cat. nº 2258
- 15- Catálogo de livros conforme as ordens de Sua Majestade de 10 de Julho de 1769 do uso de D. Josefa Micaela de Leiro, Religiosa em Odivelas.
R. M. C., Cx. 125, cat. nº 1540
- 16 - Catálogo dos livros que há no Convento das Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto desta cidade de Lisboa.
Biblioteca Nacional de Lisboa

Ao todo, para as bibliotecas conventuais femininas, um conjunto de 16 origens de inventários, que, face aos índices estimativos do número de casas religiosas femininas portuguesas – algumas centenas, que em 1850 eram ainda cerca de 150, segundo estimativa de Manuel Bernardes Branco²⁵ – é já de si bastante escasso, mas que permite, apesar de tudo, reconstituir uma mancha considerável de obras que circularam nos conventos portugueses, que ronda os mais de mil títulos. Para muitas outras casas religiosas femininas seria possível inventariar alguns textos que aí circulavam, respigando informações da epistolografia, das crónicas e dos relatos maravilhosos e hagiográficos. Mas nada que tenha uma natureza tão consistente e assumida como a de um catálogo elaborado pelo próprio convento que, mesmo que cale certas obras, pelo menos deve possuir as que indica.

²⁵ Manuel Bernardes BRANCO - *História das Ordens Monásticas em Portugal*, vol. III, Lisboa, Livraria Editora de Tevas Cardoso & Irmão, 1888, p. 484.

Por si só, um catálogo, por muitas espécies que possua e por muito cuidadosa que seja a sua apresentação, é apenas isso: um rol, sem vida, que omite a organização interna da própria biblioteca (ainda que este conceito de biblioteca deva ser entendido em moldes diferentes dos que hoje lhe atribuímos), destituído das conexões das obras com as utilizadoras, com a comunidade em geral, com as pessoas que recomendaram essas obras, com outras obras e outros autores. E era grande a malha intertextual nestes tempos de densa e dialogante corrente de espiritualidade...

Recentemente, tem-se vindo a assistir, em Portugal, à edição – não tão rápida e abrangente quanto seria desejável – de uma razoável quantidade de catálogos²⁶. Essa atitude, ainda isolada e circunscrita em Portugal, mas já bastante frequente em Espanha, por exemplo, deve ser perspectivada com alguma ponderação. É que a vertigem de inventariar catálogos pode redundar facilmente no risco da repetição, do desdobramento e da multiplicação paradoxalmente estéril, se não houver por trás uma postura reflexiva, comparativa, interpretativa das funções, razões ou intencionalidades da presença ou ausência de certos livros nos vários universos de que temos testemunho. Há por isso que, naturalmente sem desvalorizar o catálogo em si, abordar os catálogos também no seu conjunto, através das dominantes e das diferenças.

Perante os catálogos das 16 casas religiosas que encontrámos, há que perguntar: onde estão os outros catálogos? Ou então: por que não chegaram à Mesa os catálogos de todas as outras, inúmeras, casas religiosas femininas? Ao abrigo de que privilégio alguns conventos ou mosteiros se dispensaram de cumprir este edital? Como interpretar a escassez de documentos em torno das livrarias do Reino, neste caso das livrarias conventuais femininas? A maior parte dos conventos cujas livrarias

²⁶ A título meramente exemplificativo, refira-se o *Catálogo da Livraria do Convento da Arrábida e do Acervo que lhe estava anexo*, elaborado por Ilídio ROCHA, Lisboa, Fundação Oriente, 1994, os *Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no séc. XV*, elaborados e prefaciados por José Adriano de CARVALHO, Porto, C.I.U.H.E., 1995, o *Inventário da Livraria de Santo António de Caminha*, elaborado pelo Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Porto, 1998, no âmbito do projecto intitulado “Da memória dos livros às bibliotecas da memória” e *A Tipografia Portuguesa do Séc. XVII: A colecção da Biblioteca Nacional*, vol. 1: Letras A e B, coordenado por Alexandrina CRUZ, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999, cujo interesse, para esta área da literatura religiosa e conventual, resulta, entre outros factores, do facto de a Biblioteca Nacional conter um espólio bastante rico, decorrente de várias incorporações de livrarias de conventos extintos. Um pouco na continuidade do projecto de António Joaquim ANSELMO, corporizado na *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Séc. XVI*, surgiu recentemente a edição da *Bibliografia das Obras Impresas em Portugal no Séc. XVII (Letras A-C)*, do entretanto falecido João Frederico de Gusmão AROUCA, editada em Lisboa, pela Biblioteca Nacional, em 2001.

aqui estudamos entregaram na Real Mesa Censória a resposta do edital de 1769. E os outros? É-se tentado a pensar que nem todas as casas cumpriram o edital régio e que o cumprimento se verificou mais na zona Sul do País do que na zona Norte. Efectivamente, para o Norte, dispomos apenas do catálogo de algumas bibliotecas de religiosas do Convento de Ave-Maria do Porto, do de Santa Clara de Vila do Conde e do de S. Salvador de Vairão, sendo todos os restantes catálogos referentes a Lisboa e Évora.

Maria Adelaide Marques constatou ainda a ausência de catálogos de casas religiosas da diocese de Braga, o que explicou pelo facto do Arcebispo de Braga da altura ser irmão do Rei, facto a que poderia corresponder uma jurisdição especial para Braga²⁷.

Por último, refira-se que estes catálogos fazem particularmente sentido para quem, como nós, se debruça sobre a produção literária no interior dos conventos e mosteiros femininos, pois podem ajudar a intuir com mais certeza, embora nunca a esclarecer completamente, de que modo algumas produções literárias das religiosas reenviam para o mundo espiritual neles representado.

b) Os conventos e os catálogos

Maria Adelaide Marques constata que, dos cerca de 2.500.000 habitantes que Portugal devia ter por essa altura, só chegaram à Mesa 2420 relações, o que dá uma média de um catálogo por cada mil habitantes²⁸!... Um número bastante exíguo.

É neste contexto que não devemos estranhar que, de entre as várias centenas de conventos femininos que na altura deviam existir em Portugal, só tenhamos hoje este maço, oriundo de 16 casas religiosas femininas. E talvez os conventos femininos se sentissem de algum modo mais dispensados da organização de catálogos, sobretudo se fossem do interior ou de zonas mais afastadas da corte. Isso poderia explicar o facto de quase todos os catálogos se concentrem numa área geográfica de corte ou de cidades mais importantes em termos culturais, onde os perigos de infiltração de certos textos ou certas doutrinas eram maiores. Além do mais, quase todos provêm de casas religiosas ricas, influentes, poderosas, com notável predominância de casas religiosas franciscanas, facto que se explica pela

²⁷ Maria Adelaide Salvador MARQUES - *A Real Mesa Censória e a cultura nacional*, Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, vol. 26, Coimbra, Univ. Coimbra, 1964, p. 63.

²⁸ Maria Adelaide Salvador MARQUES - *A Real Mesa Censória (...)*, *op. cit.*, p. 60.

pujança religiosa, cultural e numerária que, como já atrás se disse, caracterizou as clarissas em Portugal, nos séculos XVII e XVIII²⁹: Santa Clara de Vila do Conde, Madre de Deus de Lisboa, Nossa Senhora da Esperança...

Assim, para as casas religiosas femininas, temos a seguinte distribuição dos catálogos trabalhados, por zonas geográficas e por ordens religiosas:

Chelas - 1 catálogo (Mosteiro de Chelas, de Cónegas Regrantes de S. Félix da Ordem de Sto Agostinho, vulgo agostinhas)

Évora - 2 catálogos, do Convento do Calvário (clarissas) e do Salvador (clarissas)

Lisboa - 8 catálogos, referentes aos conventos de N. Sr^a Bom Sucesso (dominicanas), Piedade da Esperança (clarissas), Santos (Comendadeiras da Ordem de S. Tiago), Santíssimo Crucifixo (clarissas), Encarnação (Comendadeiras de Avis) Santíssima Trindade (Santíssima Trindade), Marvila (brigitinas), Madre de Deus de Xabregas (clarissas), Santo Alberto (carmelitas descalças)

Odivelas - 1 catálogo do Mosteiro de Santa Maria de Odivelas (cistercienses ou, vulgo, Bernardas)

Porto - 1 catálogo, do Mosteiro de Ave-Maria (beneditinas)

Vila do Conde - 1 catálogo, do Convento de Santa Clara de Vila do Conde (clarissas)

Vairão - 1 catálogo do Mosteiro de S. Salvador de Vairão (beneditinas).

De uma forma geral, a execução destes catálogos, solicitada pelo Edital régio, parece ter sido rápida. Embora os catálogos, na sua maioria, não apresentem data, um deles data de Setembro do mesmo ano.

Merece realce a forma como os catálogos se apresentam à Real Mesa Censória. Uns, como catálogos gerais do convento, a exemplo do que fez o convento do SS. Crucifixo: "Catálogo dos livros das religiosas do Real Convento do SS. Crucifixo". A mesma organização ressalta do "Catálogo dos livros do Convento do Calvário da cidade de Évora", ou do "Dos livros das religiosas de Santa Brízida do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila" e de muitos outros.

Outros aparecem como catálogos de religiosas concretas de um determinado convento, provavelmente enviados à Mesa conjuntamente com o catálogo de outras

²⁹ Para uma ideia da vitalidade espiritual e intelectual das clarissas em Portugal, vide *Santa Clara e as Clarissas em Portugal - VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Coordenação de Francisco Leite de FARIA, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

religiosas e com o catálogo geral do convento, tendo-se estes últimos talvez perdido. É o que sugere o inventário do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, por exemplo, que apresentou o “Rol dos livros da Comunidade de Santa Clara de Vila do Conde”, acompanhado de vários inventários parcelares, como o “Rol dos livros que se acham em poder da Madre Teresa Francisca”, por exemplo, e vários outros. Outros conventos fizeram o mesmo, embora em proporções bastante menores, como por exemplo o “Catálogo dos livros que possui D. Mariana Francisca de Miranda Henriques, Religiosa professa no Convento da Encarnação” ou o do Convento da Esperança, que enviou quatro catálogos individuais.

Outros catálogos ainda apresentaram-se à Mesa como livros do uso de determinada religiosa, o que não significa que sejam os que ela tem, mas sim os que ela lê: “Catálogo dos livros do uso de D. Caterina da Câmara, Religiosa no Real Mosteiro de Santos desta cidade”; ou “Catálogo de livros (...) do uso de D. Josefa Micaela de Leiró, religiosa de Odivelas”. A mesma ideia perpassa no catálogo dos “Livros de que usa D. Mariana Filipa de Faro, Religiosa professa no Mosteiro de Chelas, ou no dos “Livros do uso de D. Margarida Juliana, Religiosa Professa no Convento de Santos”.

Mais subtilmente, outros catálogos apresentam-se como catálogos de livros espirituais apenas. Teria o convento só livros espirituais? Ou faria o catálogo apenas o inventário desses? E porquê? Interrogações deixadas pelo “Catálogo dos livros espirituais das religiosas do Convento da Santíssima Trindade de N. Sr^a dos Remédios de Campo Lide de Lisboa”.

Há ainda outras variantes de apresentação, onde se englobam conjunta e indistintamente os livros da livraria e uso, como ocorreu com o “Catálogo dos livros da livraria e uso das religiosas do convento de Nossa Sr^a da Madre de Deus extra muros desta cidade de Lisboa”.

O Convento do Salvador de Évora aparece-nos representado apenas sob a óptica da biblioteca particular de Soror Josefa dos Anjos, que assina a lista que faz. Os restantes catálogos respeitantes ao convento devem ter-se perdido. O curioso é que mais uma vez se diferencia o geral, isto é, comunitário, do particular, isto é, de cada religiosa. Assim supomos, pelo título “Salvador – Particular”. Aliás, a referência central e cimeira na página a *Salvador* indica que a folha de rosto que normalmente todos os catálogos apresentam é que conteria as informações necessárias e que aquilo de que hoje dispomos é apenas uma parte do catálogo.

O Mosteiro de Ave-Maria apresenta-se simultaneamente como catálogo de mosteiro e das religiosas: “Catálogo dos livros do Real Mosteiro de S. Bento da Ave-Maria da cidade do Porto, e das religiosas do mesmo”. Mas, surpreendentemente, o primeiro regista tantos exemplares como os segundos. É talvez o catálogo que mais sugestivo se apresenta da proliferação de exemplares da

mesma obra³⁰ num mosteiro, uma vez que, mesmo para o mesmo título, as edições são frequentemente diferentes, como já atrás se disse³¹.

Esta proliferação de edições ao longo dos anos indicia, pelo menos, que a formação de várias religiosas (como sabemos, mesmo os livros do uso eram passados de mão em mão...) neste convento se processou de modo continuado, consistente e consciente em torno de certos autores ou de certas obras tidas como básicas. Por isso várias religiosas as vão adquirindo, para poderem delas usufruir convenientemente. Por outro lado, mostra talvez que, também no interior do mosteiro, a formação seria orientada e global, porque são vários os exemplares da mesma obra que aí aparecem.

De todo o modo, é necessário dizer que, para cumprir as determinações do edital, os livros, mesmo que porventura tivessem tido alguma organização sistemática própria de cada convento, dotada de qualquer funcionalidade ou critério hierarquizante, foram obrigados a desmembrar-se em ordens alfabéticas de autores, ordenados por temas ou classes, agrupados em torno dos formatos dos livros: folio, 4º, 8º, etc.³². Em boa verdade, temos acesso a títulos, mas não a bibliotecas, no sentido em que estas pressupõem uma ordem qualquer, mesmo que não imediatamente compreensível. O esquema de classificação imposto pelo Edital dilui as hipóteses de captar certos núcleos temáticos, de autor ou referentes aos espaços onde se guardavam livros.

c) Metodologia e estratégias

Apesar de lidarmos com catálogos de apenas 16 casas religiosas, deparámo-nos com um *corpus* de trabalho bastante heterogéneo, a partir do qual havia que criar, mediante uma perspectiva determinada, um objecto de estudo mais consistente

³⁰ Ver Olímpia LOUREIRO - *Os Livros das Monjas do Convento de S. Bento de Ave-Maria do Porto (finais do séc. XVIII)*, op. cit., pp. 719-730.

³¹ Como já afirmámos, não controlámos ainda a plausibilidade das datas referidas nos catálogos.

³² O edital régio recomendava o seguinte: *um catálogo (...) o qual será reduzido a 7 classes, a saber: Teologia, Jurisprudência, Filosofia, Matemática, Medicina, História, Belas Letras. Em cada classe se assentará por ordem alfabética, primeiramente os Livros de Folio, seguindo-se logo os de 4º, a estes os de 8º, etc., declarando-se em todos, e cada um deles os nomes próprios dos Autores, principiando pelos primeiros apelidos e cognomes, ou por aqueles que os fizeram mais conhecidos, depois do que se especificarão os títulos de cada um, o número de edição e os tomos e o lugar e o tempo da impressão, e no fim de todos dentro de cada uma das respectivas classes, com suficiente separação, se escreverão pela mesma ordem alfabética, os livros anónimos, principiando pelos títulos sendo tudo feito com certeza e boa letra (...)*, in Mendo TRIGOSO - *Colecção de Legislação*, vol. 19, Lisboa, 1769-71, Doc. 21, pp. 58-59.

e não tão diversificado. Os inventários diferem bastante uns dos outros em quantidade de livros registados, em cuidado de catalogação, em extensão de informação, em antiguidade dos exemplares, na situação geográfica dos conventos, nas ordens religiosas a que pertenciam e no âmbito das quais alguns livros talvez façam mais sentido do que outros, por exemplo. Além disso, alguns catálogos apresentam-se como significativos de todas as obras de determinado convento, outros apenas como referentes às bibliotecas particulares de algumas senhoras religiosas, outros ainda apresentam-se como catálogos dos livros do “uso”. Um outro catálogo intitula-se curiosamente “catálogo dos livros espirituais”, sugerindo a hipótese de ser apenas um catálogo desse tipo de livros e não dos outros, que os conventos poderiam eventualmente conter... Ou seria apenas este título um elemento de reforço da exclusividade absolutamente espiritual de uma biblioteca monástica?

Neste contexto tão diverso, e por necessidade metodológica, optou-se por escolher uma única livraria de entre os inventários disponíveis, que se tomará como ponto de partida para reflexões em torno do livro e da leitura, e a partir da qual se irradiará para as restantes livrarias, sempre que necessário, para procurar esboçar, ainda que de modo insuficiente e muitas vezes apenas interrogativo, o paradigma da leitura e das leitoras, no universo claustral feminino deste século XVIII. Sempre que oportuno, cruzaremos a informação dos catálogos com dados provenientes de outras fontes³³, para reforçar as ilações que, levando em conta apenas os catálogos, resultariam fragilizadas por falta de contextualização.

Este ponto de partida documental, na sua diversidade, apresenta de facto as suas limitações, para as quais não podemos deixar de chamar a atenção, pois as descrições das espécies não são nem rigorosas nem totais e, se podem constituir uma janela através da qual se pode espreitar esse universo de leitura no interior da clausura feminina, revelam-se, por estas limitações apontadas, como transparências parcelares, janela estreita que impede um campo visual amplo e iluminado, dificultado, além do mais, por um plano de amostragem já de si exíguo – apenas 16 conventos.

Escolheu-se como paradigma de amostragem a livraria do Convento da Madre

³³ Um outro filão a explorar, sugerido pelos catálogos da Real Mesa Censória, seria ver até que ponto seria documentável o envio para os conventos, por parte de editores, de obras excedentárias ou cujo escoamento se revelasse difícil, à semelhança do que parece sugerir o catálogo que se anexou ao inventário do Convento do Bom Sucesso. É que a constituição desse catálogo de livros enviados por Miguel Manescal da Costa ao Bom Sucesso parece alheado da especificidade de leituras próprias das religiosas, que se subentende da análise dos catálogos em causa, apresentando clivagens várias, desde logo linguísticas, se atentarmos na quase totalidade de livros escritos em Latim.

de Deus, embora a escolha também pudesse recair sobre outras livrarias, como a do Convento das Francesinhas, por exemplo, de que D. José Barbosa nos dá largas informações, também bastante rico mas mais tardio, ou como a do Convento de Marvila, pela completude dos dados e rigorosa organização do catálogo, ou a de Santa Clara de Vila do Conde, cujo catálogo é o único que contempla as casas editoras....

Contudo, pareceu-nos que o Convento da Madre de Deus cumpria requisitos particularmente favoráveis à exploração dos dados pretendidos. O seu catálogo apresenta um espólio considerável – um total de 327 títulos –, com obras que recobrem uma grande amplitude de datas de edição, de cidades editoras e de autores. Apresenta-se relativamente organizado e tem sobretudo a vantagem da sua história e fundação serem conhecidas, através da *Crónica* de Fr. Jerónimo de Belém e dos relatos cuja organização se atribui a três religiosas do mesmo convento: Soror Catarina das Chagas, Soror Joana da Piedade e Soror Margarida da Trindade.³⁴ Além destes factores, o convento surge, desde o século XVII, como emblemático da vida claustral feminina³⁵, modelo de virtudes e de observância, e constituído pelas religiosas das melhores famílias da corte, isto é, por uma população que, mais do que em qualquer outro convento, reunia condições favoráveis à leitura. Assim, está o investigador em melhor posição para cruzar as indicações dos catálogos com referências a aspectos da sua livraria em tempos mais recuados, e até com um certo conhecimento da vida do próprio convento, se bem que, como dele disse Fr. Jerónimo de Belém, a propósito das virtudes das suas religiosas, *o que mais se sabe é o menos que fizeram*³⁶.

Será pois em torno do catálogo elaborado pelo Convento da Madre de Deus de Xabregas que se organizará o conjunto das considerações que se seguem.

Este convento foi, como se sabe, um dos mais ricos e influentes do país. A sua fundação correspondeu a um desejo da Rainha D. Leonor (mulher de D. João II) de erigir em Lisboa um convento prestigiado, à semelhança do Convento da Conceição de Beja, que havia sido fundado por seus pais, D. Fernando e D. Brites. A erecção canónica data de 8 de Outubro de 1510 e as suas fundadoras vieram do consagrado

³⁴ Vejam-se estes textos editados por Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na História da Espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, vol. II (cartas, textos e outros documentos), Porto, F.L.U.P., 1992, pp. 862-1016.

³⁵ Ver o que deste convento diz várias vezes Fr. António das Chagas, na sua correspondência, em *Cartas Espirituais*, *op. cit.*, sobretudo na carta XXXIX: *Muito estimarei que se decida pela Madre de Deus a resolução de certa noviça, que estava para outra parte. Porque tudo o que me parece melhor desejo para a Madre de Deus.*

³⁶ Cf. BELÉM - *Crónica Seráfica*, *op. cit.*, Parte III.

Convento de Jesus de Setúbal. D. Leonor, que aí se quis sepultar, dotou o convento, logo no acto de fundação, com mais de quatrocentos livros. No entanto, trata-se também de um convento que conheceu sucessivas pilhagens por parte de monarcas, que saquearam grande parte das suas obras de arte e dos livros. Neste ano de 1769, ano da elaboração do catálogo, encontramos apenas 327 títulos, número que nos surpreende face ao que se esperaria de uma biblioteca com tão auspicioso começo, que se poderá talvez explicar pelo facto de este catálogo se reportar a uma fase de decadência do convento, mas que talvez deva contudo ser questionado relativamente à sua concreta capacidade descritiva.

O Convento da Madre de Deus foi constituído com religiosas oriundas das mais nobres famílias de Portugal e contou sempre com a protecção dos monarcas portugueses, como a da Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, a de D. Pedro II, a de D. João IV e da Rainha D. Luísa de Gusmão, a de D. João V. O convento beneficiou ainda da atenção de nobres influentes, como o Duque de Aveiro, que lá fez ingressar a sua filha, a Madre Mariana da Madre de Deus, quarta neta de D. João II, ou os Condes de Val de Reys, ou os de Cantanhede, que também lá tiveram filhas suas como religiosas. Tal facto poderá justificar talvez a origem dos livros que o convento continha – e não esqueçamos que o livro constituía um objecto caro e de luxo, particularmente numa sociedade como a portuguesa, onde os livreiros não apresentavam edições com gravuras a prata, por se debaterem com escassez de recursos, e onde as matrizes eram reaproveitadas até à exaustão³⁷ –, uma vez que os exemplares poderiam vir com os dotes das religiosas ou, simplesmente, serem oferecidos ao convento por estes familiares e devotos, tão ricos e empenhados na prosperidade religiosa do convento.

Um dos aspectos relevantes a destacar relativamente às religiosas que lá professaram é talvez o significativo grau de formação cultural, destoante para a época entre senhoras. Basta referir Soror Auta da Madre de Deus, filha de um lente de Leis, a quem o Pai fez vestir de homem, para que pudesse ir na sua companhia a todos os actos literários, para assim responder ao interesse da filha por conhecimentos culturais que lhe eram vedados na época. Na Universidade se formou em Teologia e Direito Canónico, sempre sem que ninguém percebesse que se tratava de uma rapariga. Mas outros casos poderiam ser chamados aqui à colação, para ilustrar os

³⁷ Sobre este assunto, ver Artur ANSELMO - *Origens da imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981. Ver ainda, particularmente para este século XVIII, Olímpia LOUREIRO, *Os Livros das Monjas do Convento de S. Bento de Ave-Maria do Porto (finais do séc. XVIII)*, in *I Congreso Internacional del Monacato Femenino en España, Portugal y America (1492-1992)*, tomo II, León, Universidad, Secretariado de Publicaciones, D.L., 1993, pp. 135 e 719-730.

alargados conhecimentos culturais das religiosas que professaram neste convento. Como Soror Violante de Jesus Maria, que quis também dominar o Latim (coisa rara na época entre as senhoras), para melhor aceder aos livros espirituais³⁸.

Outro aspecto importante que deve ser articulado com a especificidade desta biblioteca que se tomou como *corpus* de reflexão é o facto de muitas religiosas do convento não só saberem ler e terem lido muito antes de entrarem para o convento (veja-se Soror Clara do Sacramento, Soror Catarina do Salvador, Soror Violante de Jesus Maria, por exemplo), como terem prática frequente de escrita, conforme o testemunham as anotações feitas na margem dos livros, as cartas que escreviam aos familiares, à abadessa, ao Anjo da Guarda, etc., os colóquios³⁹, as autobiografias que deixaram (de que é exemplar a de Antónia Margarida de Castelo Branco, depois Soror Clara do Santíssimo Sacramento), os papéis que escreveram de sua própria letra⁴⁰, alguns mesmo de valor testemunhal acerca do grau de perfeição alcançado por determinada religiosas⁴¹, poemas espirituais⁴², exposições por escrito ao director espiritual⁴³, etc. Neste ponto, merece registo um dos costumes mais antigos do convento, que se refere a propósito da escrita de Soror Teresa da Madre de Deus: *Por este estilo, e ainda com maior extensão, referia a serva de Deos os beneficios recebidos de sua liberal mão, e as expressões de agradecida, que segundo o costume, e prática deste mosteiro, por direcção dos confessores, este foi antigamente o modo, com que as religiosas se desafogavam, para que eles melhor as entendessem por papel. Para este fim o fazia também a Madre Soror Teresa*⁴⁴.

³⁸ Cf. BELÉM - *Crónica Seráfica*, op. cit., Parte III, p. 197: *E para ser em tudo perfeita nesta matéria, até se aplicou à inteligência da língua latina.*

³⁹ Veja-se o que diz Fr. Jerónimo de BELÉM - *Crónica Seráfica*, op. cit., pp.277-280, a propósito dos colóquios escritos por Soror Sebastiana de Jesus Maria, no século Sebastiana de Vilhena, filha de Sebastião de Azevedo e de Catarina de Vilhena.

⁴⁰ A respeito de Soror Margarida da Trindade, diz Frei Jerónimo de BELÉM na *Crónica Seráfica*, tomo III, p. 297: (...) *Nesta devoção [de Maria Santíssima] e na virtude da Fé foi tão sinalada, como testemunharam alguns papéis, que de sua própria letra deixou escritos, com caracteres de sangue.*

⁴¹ Veja-se o papel assinado por Soror Joana da Piedade em testemunho da perfeição de Soror Francisca das Chagas, escrito por sua mão e transcrito na *Crónica Seráfica*, p. 184.

⁴² Lembremos os poemas de considerável qualidade literária, se se atender particularmente à pouca idade da religiosa, da autoria de Soror Violante de Jesus Maria, que se encontraram depois da sua morte, e que Fr. Jerónimo de Belém transcreve.

⁴³ Relembre-se aqui o caso de Soror Mariana da Purificação, religiosa carmelita do convento da Esperança de Beja, de quem o Inquisidor João da Costa Pimenta levou consigo todos os escritos, realizados por ordem do seu confessor. Confirme-se em Fr. Caetano do VENCIMENTO - *Fragmentos da prodigiosa vida da muito favorecida e amada Esposa de Jesu Cristo, a Venerável Madre Mariana da Purificação*, Lisboa, Oficina de António da Silva, 1747, p. 103.

⁴⁴ Ver Fr. Jerónimo de BELÉM - *Crónica Seráfica*, op. cit., tomo III, p. 286.

Todos estes factores conjugados, num convento que se situava em pleno coração de Lisboa e em estreita convivência com a corte (a Rainha D. Luísa ia lá frequentemente, sobretudo porque duas das suas damas lá tinham ingressado como religiosas), favoreciam provavelmente um clima cultural onde a leitura e a escrita eram talvez mais habituais do que em outros conventos. E também deste modo se prova que as determinações de Trento que proibiam as religiosas de possuir nas suas celas material com que pudessem escrever não se fizeram sentir em Portugal da mesma forma que, por exemplo, em Roma, Bolonha ou Milão. A distância da Cúria romana favorecia talvez este clima de maior contacto com a leitura e a escrita, sobretudo porque os documentos que nos chegam com relatos das devassas de bispos a conventos e mosteiros portugueses parecem indicar, por parte da Igreja portuguesa, uma preocupação maior em controlar as contas, as eleições, os directores espirituais dos conventos, do que propriamente em controlar isoladamente esta ou aquela religiosa. Aliás, muitas religiosas, sobretudo as professoras em conventos da capital, usufruíam de bastantes privilégios e de excepções ao cumprimento de certos pontos da Regra de que era difícil privá-las, pois, embora imutável em si, a Regra tinha aplicações variadas, consignadas nos Costumeiros, Constituições ou Cartas. Alguns exemplares de Regras que ainda subsistem, oriundas do próprio Convento da Madre de Deus, deixam transparecer os comentários e explicitações que se lhe iam fazendo e testemunham uma aplicação que podia variar pontualmente.

Por último, afigura-se fundamental referir que neste Convento da Madre de Deus pregou e confessou Frei António das Chagas, que não cessou nunca de exortar à piedade e à conversão através de leituras várias, que as suas *Cartas Espirituais* confirmam. E a leitura só podia ser aconselhada a religiosas que efectivamente podiam e sabiam ler, facto que as ia ao mesmo tempo consolidando na sua dimensão de leitoras.

O catálogo da Madre de Deus apresenta, como se disse, 327 títulos, no total das mais de mil obras encontradas nos catálogos disponíveis. Nesses títulos, há um núcleo de 69 obras que ocorrem também em outros catálogos, mesmo que em edições diferentes, pelo menos mais duas vezes, chegando a 11 o número de algumas recorrências do mesmo título. Há, por isso, um conjunto de 69 obras a que chamaremos *substrato espiritual modelador básico*, e que pensamos que poderá corresponder, eventualmente, ao paradigma de leitura da monja da época. Todavia, a análise da totalidade dos ficheiros trabalhados permitiu detectar alguns núcleos de obras comuns a vários conventos, que no entanto não ocorriam no Convento da Madre de Deus. Só por si, o Convento da Madre de Deus constituía um observatório algo limitativo, pelo que se acabou por valorizar também os outros inventários complementares, cruzando-os entre si, em busca de um maior número de dominantes. Assim, sobre o núcleo de 69 obras construído a partir do Convento da Madre de

Deus, construiu-se um outro, com base nos mesmos critérios de ocorrência das obras em, pelo menos, três catálogos, mas contemplando desta vez os restantes conventos dos catálogos e excluindo o Convento da Madre de Deus. Ao resultado da conjugação destes dois núcleos, que nos parece significativa das invariâncias entre várias casas religiosas, é que se poderá chamar, com mais propriedade, *substrato modelador básico*. Esta designação parece apropriada para qualificar estas bibliotecas específicas, na medida em que o que há de comum entre várias casas religiosas pertencentes a ordens ou a congregações diferenciadas poderá talvez ser interpretado como um mínimo denominador comum, isto é, como um conjunto selectivo de obras de espiritualidade que, por factores que não controlamos suficientemente, conheceram uma valorização acrescida na época como livros de formação para religiosas⁴⁵.

Como já se disse, desconhecemos directivas especiais emanadas oficialmente de qualquer autoridade eclesiástica nesse sentido. Mas pressentimos uma sensibilidade a essa formação, que afinava na altura em torno de certas obras. Um trabalho interessante seria o de tentar perceber em que obras, em que directivas ou em que autores se escoravam os directores espirituais, para aconselharem as leituras das religiosas leitoras. Frei António das Chagas, incansável orientador de muitas religiosas da Madre de Deus, chegou a elaborar um rol de livros⁴⁶ recomendáveis para a vida espiritual das religiosas, ele, que tão pouco tempo tinha para ler e que, portanto, indicaria talvez o mais conhecido, o mais tradicional em matéria de formação religiosa. Infelizmente, as listas iam com as cartas, mas num papel à parte, pelo que não sabemos quais os livros que delas constavam.

Dos catálogos dos 16 conventos, 5 são pertença de casas franciscanas, o que não é de estranhar, face à enorme proporção de conventos de clarissas em Portugal. De qualquer forma, uma vez que cerca de um terço das fontes de que dispomos provém destes conventos, este *substrato modelador básico* poderá ser visto como

⁴⁵ Apesar de tudo, e como refere Angel WERUAGA PRIETO, em *Libros y lectura en Salamanca: del Barroco à la Ilustración*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1993, p. 53, será sempre de levar em linha de conta que as bibliotecas femininas eram pouco específicas em relação às da generalidade da população, uma vez que *las mujeres leen un género de libros destinados a priori a todo el mundo, pero del que ellas son las principales consumidoras*. A diferença parece residir, assim, mais na frequência do que na especificidade.

Do nosso ponto de vista, há que averiguar ainda até que ponto, em Portugal, as bibliotecas das religiosas serão específicas de uma comunidade conventual, ou se não poderão talvez ser um reencontro, mais consistente e mais sistemático, de obras que, aqui e ali, se encontravam um pouco pelas casas de família do reino, e cuja leitura muitas senhoras portuguesas partilhavam...

⁴⁶ Cf. *Cartas Espirituais*, edição citada, Carta CCLV, p. 420: *E veja V. M. esse rol, que por agora são os melhores livros que me lembram*.

mais próprio de uma espiritualidade franciscana. Mas haveria compartimentos estanques, no que respeitava aos autores espirituais lidos em cada ordem religiosa? Pensamos que não, embora, como se verá nos gráficos que adiante se apresentam, haja talvez uma predisposição para cada casa privilegiar os autores espirituais da sua ordem.

Os catálogos e os livros

Antes de se entrar propriamente na análise e interpretação dos dados, valerá a pena valorizar algumas informações que apenas certos catálogos contêm, mas que poderão dar a entrever o ambiente que rodeava os livros nos conventos femininos e permitir acercarmo-nos das maneiras de ler, das eventuais determinações específicas de leitura nas comunidades conventuais femininas, da origem dos livros⁴⁷, enfim, das tradições de leitura...

O rol dos livros do Convento de Santa Clara de Vila do Conde aparece assinado pela vigária da casa, D. Teresa Mariana de S. Joaquim, assinatura esta precedida de uma protestação, pela qual a mesma vigária salvaguardava o facto de poder ter esquecido algum livro ou de que algum livro pudesse ter desaparecido e onde se comprometia a remetê-lo à Mesa, se se desse pela omissão. Tal facto indicia-nos uma natural dispersão dos livros pela comunidade, prova talvez de que eram lidos, mas também indício provável de que nem todos podiam ser lidos (razão pela qual não estariam acessíveis). Mas poderá simplesmente denunciar a dificuldade de

⁴⁷ Os percursos de aquisição dos livros por parte dos conventos são outro ponto de pesquisa atractiva, mas constituem um procedimento difícil de controlar, embora, como já referimos, passassem, com toda a probabilidade, por ofertas de familiares – alguns deles religiosos também –, por dotes que as religiosas traziam, pela compra por parte de algumas religiosas mais abastadas e ainda por ofertas de vária ordem, como, por exemplo, o sugere um catálogo de livros que o livreiro Miguel Manescal da Costa enviou ao convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso em 1779 e que, embora posterior ao catálogo enviado pelas religiosas, lhe foi anexado, com certeza em posterior envio. Mas não poderia haver um erro e ter a religiosa escrito 79 por 69? Não se pode saber. De todo o modo, este envio de livros para o convento por parte de Manescal da Costa explicará algumas aquisições, embora a descrição destas ofertas (com excepção talvez para Alonso Rodriguez e Leandro do Santíssimo Sacramento, que aí constam) se nos afigure desajustada, face ao que intuimos ser a especificidade de uma literatura monástica, pois as ofertas do livreiro são constituídas, na sua generalidade, por obras em Latim.

As ofertas de livreiros poderiam contribuir para o engrossamento das bibliotecas monásticas, mas o objectivo da oferta não era tanto o de promover uma certa espiritualidade, junto de determinado convento, nem passava, pelo que se deduz deste envio de Manescal da Costa, pela consciência do tal *substrato* espiritual básico que ousámos esboçar. É que as obras enviadas, além de serem, como já se disse, em Latim, reportavam-se a edições do século XVI e do século XVII, sendo raras as edições do século XVIII. Seria uma forma caridosa do livreiro se desembaraçar dos livros que até então não tinham tido grande escoamento.

inventariar livros que se encontravam guardados em lugares diversos, alguns dos quais nem sempre acudiram à memória, quando se elaboraram as listas.

Estariam os livros em sítio acessível às religiosas? Exceptuando talvez as leituras de crónicas, hagiologios, etc., temos dados para crer que a indicação de certos livros à leitura de determinada religiosa significava, pelo menos, que essa religiosa tinha atingido um certo grau de intensidade de oração e de vida espiritual, que a tornava apta para captar sem perigo o conteúdo de determinadas obras. É o caso de *Os trabalhos de Jesus*, de Fr. Tomé de Jesus, que a mestra de noviças entregou a Soror Violante de Jesus Maria para ela ler, sendo ainda noviça⁴⁸. Os livros não deviam estar em local acessível às religiosas ou, pelo menos, a sua leitura não era com toda a probabilidade realizada sem autorização, embora, pelo que nos é dado perceber a partir das *Cartas Espirituais* de Fr. António das Chagas, houvesse, pelo menos desde o século XVII, uma curiosidade das religiosas pelos livros (e daí a solicitação de orientação, numa área onde ainda se moviam com alguma dificuldade), fosse por moda, fosse pela descoberta do dinamismo de vida espiritual que o livro permitia. O pedido de sugestão de leituras feito por várias religiosas deve ser entendido como uma descoberta da importância do livro – aspecto em que pretendem renovar-se e estar a par – e como sinal de que o percurso pelo interior dos livros não podia ser feito sem orientação prévia⁴⁹.

O mesmo catálogo de Santa Clara de Vila do Conde, além de aparecer assinado pela Vigária, que se deduz ter sido quem o organizou, apresenta ainda a data de envio do rol à Mesa: 23 de Setembro de 1769. Sendo o Edital régio datado de 10 de Julho de 1769, e ordenando o mesmo “que tudo se cumprirá inviolavelmente dentro do prefixo termo de seis meses contínuos, e sucessivos depois da publicação deste (...)”, foram rápidas as diligências das religiosas, que talvez tivessem listagens das obras que possuíam, tal como prescreviam algumas constituições, particularmente as franciscanas, a partir do séc. XV, e as tivessem tomado como base na elaboração

⁴⁸ Cf. BELÉM - *Crónica Seráfica (...)*, op. cit., Parte III, p. 233: *Na Quaresma do ano de 1657, vendo sua Mestra que Soror Violante cuidava mais na saúde da alma que na do corpo, para consolação sua, lhe deu o livro dos Trabalhos de Jesus para que da sua lição tirasse conformidade e merecimento.*

⁴⁹ Sc. no séc. XVII, ainda encontramos algumas religiosas titubeantes em relação à apreciação do valor deste ou daquele livro, é curioso ver como, no séc. XVIII, algumas senhoras de corte se dirigem a algumas religiosas mais conceituadas, pedindo-lhes indicação de leituras, como faz, por exemplo, a Marquesa de Marialva a Soror Maria do Céu (ver Isabel MORUJÃO – *Verdades do Tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu*, Porto, Separata da *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. IX, 1992.) Será esta atitude sinal de que a consistência do saber feminino e a familiaridade com certos livros menos conhecidos terá começado no meio conventual e não na corte? Ou apenas sinal do prestígio das religiosas na corte?

dos catálogos, ficando-se por aí... Mas essa rapidez traduziu-se, pressentimo-lo, em precipitações e lacunas várias, que adiante se enunciarão, sobretudo porque sabemos que muitos catálogos deram entrada mais tarde. Por isso, estas fontes documentais servem apenas de ponto de partida para reflexão, porque são, voluntária ou involuntariamente, parcelares e muitos livros que não referem deviam, de qualquer modo, existir nos conventos (lembramos o *Directório* (...) de S. Francisco de Sales, que o Padre Chagas tanto aconselhava e que só aparece uma vez no Convento de Santa Clara de Vila do Conde...), fossem eles pertença da comunidade ou fossem apenas do uso individual de determinada religiosa. É que a questão da posse dos livros não devia ser muito diferente, em alguns casos, da questão dos privilégios de certas religiosas no que dizia respeito a terem criada, saírem para banhos, possuírem alguns bens nas suas celas, etc.

Livros do uso e livros da comunidade

Estas constatações conduzem ao estabelecimento de uma diferença que nos parece bastante pertinente para o entendimento da circulação do livro e das modalidades de leitura no interior dos conventos femininos e que o mesmo catálogo do Convento de Vila do Conde ajuda a sustentar: a diferença entre *livro do uso* e *livro da livraria*. O Edital obrigava ao inventário “todos os Livreiros, Impressores, Mercadores de Livros, Universidades, Religiões, Comunidades, Corporações e pessoas particulares”. Deste modo, os conventos de Santa Clara de Vila do Conde e de S. Bento de Ave-Maria do Porto enviaram o cumprimento de dois itens: o das comunidades e o das pessoas particulares, o que de alguma forma vem chamar a atenção para uma vida comunitária que talvez não se processasse dentro dos parâmetros de uma partilha de vida tal como a conceberíamos hoje...

No que respeita aos livros, às abadessas competia, por dever do cargo, zelar e preservar de olhares não preparados certos livros só reservados para estados de vida espiritual mais adiantada. Normalmente, as abadessas possuíam, nas suas celas, objectos vários, entre os quais livros que não estavam disponíveis ao uso da comunidade. Parece de todo o interesse convocar aqui o relato datado do séc. XVIII, da Vida de Soror Clara Gertrudes do Sacramento⁵⁰, onde se conta o seguinte: “No dia em que se festeja minha Mestra Santa Gertrudes desejei ler alguma cousa sua para me afervorar, e senti uma ilustração como preceito em que se me mandava que fosse ter com uma freira muito velha que já tinha sido duas vezes abadessa, e que

⁵⁰ Códice 10655 da B.N.L., pp. 160-161.

lhe pedisse o livro da santa que se intitula ensinuações da devina piedade. Fui, mas a velha de nada se lembrava. Eu ainda assim fui a uma casa em que ela quando abadessa tinha muitos livros. Estava cheia de trastes e não achei o livro, buscando-o diligentemente, mas saindo para fora desconsolada ouvi que me diziam ao coração: “o livro lá está debaixo de um arcaz”. Entrei outra vez e dei com ele muito mal tratado (...)”.

Trata-se de um testemunho que, embora condicionado pela intenção de salientar o maravilhoso na vida desta freira, reforça todavia a ideia de dispersão e de acesso reservado ao livro, no interior da clausura. Nem sempre os livros existentes nos conventos estavam à disposição de qualquer religiosa.

O Catálogo do Convento da Madre de Deus diz-se *Catálogo dos Livros da Livraria e Uso das Religiosas*. Mas a conjunção revela-se traiçoeira na sua interpretação. Temos a lista dos livros da livraria e a lista dos livros do uso fundidas numa só? Ou os livros da livraria são, neste convento, também os livros do uso? Estaremos perante duas livrarias distintas, aglutinadas *ad litem*, ou de uma só? E será que as distinções que aqui procuramos fazer seriam então passíveis de uma generalização para todas as casas religiosas, ou teria cada uma o seu costume próprio?

À diferença acima esboçada entre *livro do uso* e *livro da livraria* junta-se a necessidade de estabelecimento de um outro matiz, desta vez entre *livro do uso* e *livro possuído*. O catálogo dos livros de Soror Leonor do Sacramento e Maria Rosa, religiosas do Convento da Esperança, parece sugerir uma lista de leituras partilhadas, sem remeter para uma proprietária, mas para duas utilizadoras. De facto, a modalidade de leitura partilhada parece ter sido corrente nos conventos e mosteiros femininos, atendendo à desigual taxa de alfabetização das religiosas, que levava as religiosas mais alfabetizadas a lerem às que o não eram. No próprio Convento da Madre de Deus se verifica essa partilha de leituras, geradora de cumplicidades espirituais, como se infere do relato de Fr. Jerónimo de Belém, a propósito de Soror Joana da Trindade, que ouvia ler o que outra religiosa ia escrevendo da Madre Ágreda: “esta ouvia o que a outra ia escrevendo, e depois de praticarem ambas sobre os mistérios escritos, de tal sorte se retirava inflamada para a sua oração, que sem saber por onde ia, eram tantas as adorações que de caminho fazia, que nunca a outra religiosa as pôde contar”⁵¹.

O catálogo enviado pelo Convento de Ave-Maria do Porto regista brevíssimas e extremamente repetitivas bibliotecas de religiosas, onde se pode comprovar a proliferação de edições diferentes da mesma obra (sinal de que as listas não eram cópias umas das outras; para mero despacho do cumprimento do edital régio) e

⁵¹ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 316.

onde se esboça, se forem reais as coordenadas descritivas apresentadas, uma espécie de “síntese da cultura espiritual” que enformava aquele convento.

Torna-se todavia necessário pensar as bases em que era estabelecida tal distinção. O que era um *livro de uso* e o que é que o poderia distinguir de um livro que era pertença da *livraria* do convento? O único ponto que não envolve polémica parece ser o de que o *livro de uso*, até pela designação, era, pelo menos, um livro autorizado para a leitura e, portanto, talvez um livro lido, usado, enquanto os *livros da livraria* poderiam sê-lo ou não. Além disso, havia livros a que determinadas religiosas se afeiçoavam particularmente, por considerarem auxiliares fundamentais da sua caminhada espiritual⁵², a tal ponto que, quando morriam, eles passavam, algumas vezes pelo menos, para as mãos de outra religiosa, não sabemos se por decisão das superiores do convento, se por testamento. Tal facto confirma-se nos escritos à mão que se encontram na contracapa de várias obras da altura. Veja-se a seguinte informação, num livro do Padre Teodoro de Almeida: “Do uso de Maria Luísa de Santa Teresa de Cantanhede, passou para o uso de Soror Maria Clara”, O que é um facto, porque é recorrente em quase todos os catálogos e porque aparece registado à mão em muitos exemplares hoje conservados em algumas bibliotecas da Península Ibérica, é que as religiosas distinguiam os *livros de uso* de determinada religiosa dos *livros da livraria* do convento e dos *livros das bibliotecas particulares*. Isso explica o facto de, aquando da exclausuração de 1834, os inventários registarem às vezes 14 edições da mesma obra⁵³. É que esses inventários, organizados depois da diluição da vida dos conventos, não davam naturalmente conta da diferença entre os livros considerados pertença da comunidade e os livros do uso particular e das bibliotecas particulares das religiosas, registando apenas livros e não o seu modo de existência nas comunidades.

Num exemplar das *Cartas Espirituais* de Fr. António das Chagas⁵⁴, pode ler-se um papel colado no verso da capa do livro, com a seguinte informação: “do uso de Soror Maria da Cruz enquanto a S. obediência lho permitir”. Esta indicação, associada à referência “Noviciado” e “Convento do SS. Sacramento do Lourçal”, permite-nos perceber que o uso ou posse de certos livros era, por um lado,

⁵² A afeição especial a determinadas obras provém, em algumas religiosas, de tempos anteriores aos da sua entrada no convento, e resulta do facto de a religiosa lhe atribuir um papel decisivo na sua opção pela vida religiosa (quando a vida religiosa tinha oportunidade de ser uma opção...).

⁵³ Referimo-nos ao inventário das Concepcionistas de Nossa Senhora da Penha de França, que se conserva na B.P.M. Braga, com a cota F.M.C., F. 129, Doc. 3, e em torno do qual José Adriano de Carvalho teceu algumas apreciações em “Do recomendado ao lido. Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no séc. XVII”, in *Via Spiritus* 4, Porto, 1997, p. 17.

⁵⁴ Obra existente nos fundos da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota R. 10632.

temporário, por outro, sujeito à obediência. Mais uma vez, a informação “Noviciado” permite adivinhar uma zona de leituras formativas, realizadas numa fase inicial da caminhada das religiosas – e por isso ainda sujeita a *volt-faces* –, o que talvez explique a referência do vínculo à obediência. Ao confrontarmos estas indicações com a publicação de Jacobo Sanz Hermida dos *Libros y Lecturas de las Madres Agostinas Recolectas*, vemos que quase todos os exemplares das Madres Agostinhas possuíam uma anotação semelhante, com indicação de quem o deu e de quem o usava⁵⁵. Isso leva-nos a supor que muitos livros das religiosas se perderam e desapareceram mesmo para sempre, depois da aventura da exclausuração, pois seria natural que se encontrassem mais exemplares com anotações deste tipo...

O conceito de livreria

Outra questão de base se impõe necessariamente, para a compreensão da questão do livro e da leitura na clausura feminina portuguesa: a que corresponderia o conceito de biblioteca conventual, na Idade Moderna? A névoa sobre esta questão parece herdeira do silêncio que paira em torno da mesma realidade, na Idade Média, não se verificando maiores revelações agora do que então. Às comunidades monásticas portuguesas parecia passar ao largo a necessidade de deixar para a posteridade informações sobre o modo como organizavam a sua vida diária, onde liam, como liam, quando liam, quem lia, onde guardavam os livros, quem os dava, emprestava, comprava, etc. Nesse sentido, tudo o que podemos a esse respeito coligir são informações dispersas, que podem não ter necessariamente a mesma aplicabilidade para todos os conventos. Podem ainda adiantar-se algumas suposições, naturalmente alicerçadas em certos factos, mas necessariamente também carentes de confirmação tranquilizadora.

Alguns registos de crónicas monásticas fornecem, involuntariamente, certas informações relativas à saída para o exterior do convento de alguns manuscritos de religiosas, então guardados no cartório, com vista à sua publicação, confiando-os a padres ou a familiares muito próximos. Seria também para o cartório que regressariam os textos escritos por religiosas, que por sua morte eram restituídos ao convento (sobretudo as cartas)?⁵⁶ De facto, de Brites de Sousa, religiosa do Real Mosteiro de Celas, conta Damião Perim que “compôs e escreveu um livro da Paixão, que levou do Cartório do Mosteiro o Doutor Frei Luís de Sousa sendo Geral (e

⁵⁵ Cf. *Via Spiritus* 4, Porto, 1997, p. 190.

⁵⁶ Para a questão do regresso aos conventos de alguma correspondência das religiosas, ver *Crónica Seráfica*, *op. cit.*, Parte III.

dizem que era parente), para o mandar imprimir, mas nem teve efeito, nem o livro se restituiu com sentimento das religiosas”⁵⁷.

Este tipo de informação, que apenas pretende mostrar a actividade da religiosa em causa, no sentido de a revelar como cultivadora de assuntos divinos, sabendo ocupar santamente o seu tempo, acaba contudo por nos indicar que algumas obras manuscritas se guardavam no cartório⁵⁸. Os cartórios foram espaços que se foram organizando cada vez melhor, ao longo do tempo, nisso contrastando com um certo caos em que os encontramos na I. Média. Assim, se por cartório se pode entender o conjunto dos documentos importantes referentes a um convento, guardados como coisa importante, não nos custa a crer que um lugar onde já se guardavam livros, não pudesse guardar outros, embora de natureza diferente. Talvez o cartório, dada a natureza de importância e responsabilidade que assumia, guardasse os livros menos utilizados, porque mais raros ou preciosos; ou ainda os manuscritos que, por serem da autoria de senhoras, mesmo se religiosas, se achava melhor resguardar, por não se ter a certeza da sua completa ortodoxia⁵⁹.

E os outros livros? Não será talvez de pôr de parte a ideia de que o Coro pudesse também albergar algumas tipologias literárias, sobretudo os livros de natureza litúrgica, como novenas, por exemplo, uma vez que também já lá existiam os livros de Coro... Para o caso do Convento da Madre de Deus, sabe-se que os livros de Coro e de culto se guardavam no chamado Coro Alto do convento, onde também podiam estar as Regras. As Regras estavam ainda nas celas das abadessas, por exemplo, pois não constituíam um livro de uso colectivo, embora haja uma ou outra referência a religiosas que liam a Regra ou a outras que a sabiam tão bem que estavam sempre a citá-la⁶⁰, o que, por si só, já é uma modalidade de leitura: a da reconstituição do texto *in absentia*⁶¹.

⁵⁷ In Damião de Froes PERIM – *Teatro Heroico, Abecedário Histórico e Catálogo das Mulheres Ilustres em Ciências e Artes Liberais*, Tomo I, Lisboa, Régia Oficina Silvana, 1740, p. 88.

⁵⁸ Também no cartório do convento se guardou o manuscrito de Soror Maria Micaela dos Anjos, religiosa clarissa que escreveu a Vida da Madre Maria Madalena de Jesus (cf. Barbosa Machado – *Biblioteca Lusitana*)

⁵⁹ A partir de algumas informações colhidas no *Agiolégio Lusitano* de Jorge Cardoso, ficamos a saber que as vidas das religiosas, redigidas por outras religiosas suas companheiras, eram guardadas no cartório (Cf. Tomo I, pp. 248-254, por exemplo).

⁶⁰ Refira-se como exemplo a Madre Teresa da Madre de Deus, citada por Fr. Jerónimo de Belém – *Crónica Seráfica, op. cit.*, Parte III, p. 289: “ (...) Alegava as Escrituras com muitas propriedades: exortava as Freiras à guarda da Regra, com os exemplos dos santos”.

⁶¹ Para esta modalidade de leitura cujo texto se presentifica através da memória, será sempre útil recordar que Adriana Fagundes, de origem nobre, mesmo não sendo religiosa, *decorou os livros do Génesis, Êxodo e de todo o Testamento novo, que fielmente repetia, quando se oferecia a ocasião* (in Barbosa MACHADO - *Biblioteca Lusitana*, Tomo I, p. 10).

Para os livros do Coro, o Coro. Para os missais, a Sacristia. Para outros livros litúrgicos, a própria Capela...

Haveria ainda celas próprias para o retiro espiritual das religiosas, onde estas fizessem os seus Exercícios Espirituais? Se atendermos a que, com o avançar do século XVII, os *Exercícios* de Santo Inácio ganham em difusão e prática, é provável que os Exercícios não fossem feitos na cela normal. Ou seriam? Se o não fossem, poder-se-ia pensar que os manuais de Exercícios Espirituais - de que o Convento da Madre de Deus possui bastante variedade - se guardariam de preferência nessas celas.

Outro espaço provável poderia ser a Sala do Capítulo, onde se lia o capítulo da Regra, e que podia ser local para as Regras, os martirólogos, os necrológicos, etc. A Sala do Capítulo do Convento de Jesus de Setúbal possuía lá as Regras...

E alguns livros estariam, naturalmente, no Refeitório ou eram para lá conduzidos temporariamente.

No tempo da Rainha D. Leonor, no século XVI, vamos encontrar a excelente biblioteca do convento em arcas, de acesso reservado e de frequência muito selectiva, confinada a confessores, à Rainha, a orientadores espirituais. Esse carácter selectivo pode estender-se a outros conventos e aos séculos XVII e XVIII, pois os testemunhos a que tivemos acesso apresentam-nos o livro nos conventos como algo de acesso reservado, confiado a religiosas no exercício de cargos de responsabilidade, a que a generalidade das religiosas só teria contacto pela mediação de mestras de noviças, prioresas, confessores, etc. Pensamos que será mais lícito, a propósito dos conventos em geral, falar de livraria no sentido de núcleos de livros, dispersos por zonas específicas dos conventos, para livros também específicos. Os livros dispersavam-se por variadas partes do convento e alguns deles por áreas de formação determinada, como os livros do noviciado, por exemplo⁶², que atrás referimos. Corresponderia o noviciado apenas a um conceito, ou também a um espaço do convento, destinado aos assuntos com ele relacionados?

Outro espaço de leitura, embora não necessariamente um espaço que contivesse livros, eram as ermidas das cercas dos conventos, para onde várias religiosas se recolhiam em momentos de maior crise espiritual ou em necessidade de retiro, e onde liam. Livros do seu uso? Livros emprestados pela abadessa ou pelo director espiritual? Livros que aí se encontravam, com características próprias para ajudar a fazer face ao deserto espiritual?

⁶² A obra de Madalena da Glória, *Águia Real (...)* na edição de 1744 que existe na B.P.M.Porto, apresenta também na contracapa a indicação "Noviciado", escrita à mão.

A suspeição de que os livros não se guardavam só num sítio leva-nos a um conceito de biblioteca que pressupõe a ideia de conjunto de livros, mas não pressupõe a sua reunião num mesmo espaço. Por outro lado, a biblioteca – então livraria – não corresponderia, com certeza, a um espaço geográfico definido, num convento, mas apenas a um armário grande ou arca, onde se pudessem guardar esses exemplares. É fácil ter um armário em qualquer divisão... Aí talvez seja útil recuperar aquilo que a Idade Média designou de “livraria de mão”, para referir aqueles livros mais necessários e utilizados, por oposição a outros que quase não se liam ou se liam mais raramente. Seriam esses que iriam para o cartório? E o cartório seria necessariamente uma divisão, ou também apenas um espaço físico com determinadas propriedades semânticas, como a de “servir para guardar, preservando”? Nesse caso, voltamos à arca ou ao armário...

Em carta dirigida a uma religiosa, Fr. António das Chagas faz alusão à livraria: “Os livros em que V. M. me fala, se se acharem, peça-os e ponha-os na livraria”⁶³. Mas esta alusão de Chagas parece sobretudo indiciar que haveria um conjunto de livros de circulação comunitária, e outro conjunto de livros de circulação privada ou restrita, dependente de autoridades.

De todos estes elementos respigados em vários lados, poderá talvez poder apenas inferir-se que as expectativas de poder atingir uma ideia consistente e sistemática em torno do conceito de livraria devem, pelo menos, suspender-se. É que nos parece que, para esta altura, cada casa é um caso, e o que num convento poderá estar guardado na cela da abadessa, noutra poderá estar no cartório ou numa arca, ou na Sala do Capítulo... Parece que nenhuma casa tinha o mesmo sistema, não sendo por isso possível, perante os elementos disponíveis, atingir uma descrição generalizável.

Esta questão, tão intrigante como apaixonante, complica-se mais ainda, se a cotejarmos com a sua especificidade nos conventos masculinos. Aí encontramos o conceito de livraria tal como hoje o concebemos, até porque era suposto que os frades, pela missão de pregação que lhes estava inerente, lessem bastante e tivessem muitos livros, alguns dos quais acompanhavam os frades na sua itinerância⁶⁴. Para uma ideia do que seria o ideal de uma livraria conventual masculina, recorra-se ao testemunho de Barbosa Machado, a propósito da acção dinamizadora de Fr. Manuel Guilherme, sentida não só a nível da remodelação do altar-mor, do refeitório e do

⁶³ Ver *Cartas Espirituais* - Carta LXXX, ed. citada, p. 193.

⁶⁴ Cf. Fr. António das CHAGAS - *Cartas Espirituais*, op. cit., carta LXXI: *Chegámos com saúde a esta terra, chegaram os livros e chegou tudo.*

dormitório do convento, como também a nível da livraria⁶⁵. Nessas páginas da *Biblioteca Lusitana* surpreendemos a livraria como um espaço específico, com manutenção assistida e com plano de aquisições regulares. Mas o caso das bibliotecas masculinas são uma realidade bem distinta pelas razões que acima afluíram, que se repercute não só no número de exemplares da biblioteca, como nas tipologias existentes.

O conceito de livraria, nesta época, mesmo apesar da especificação do edital régio, parece ainda herdeiro de uma tradição que desvalorizava os manuscritos, ou que os valorizava de um modo diferente, como veremos mais adiante.

Formação literária religiosa ou para religiosas?

No campo das convergências de leitura, há que chamar a atenção para uma certa zona de fronteira indistinta, que se desenha entre as leituras da clausura e as leituras fora da clausura, isto é, realizadas nas casas de família. De facto, se vamos encontrar nos conventos femininos algumas *Obras* de Santa Teresa e o *Flos Sanctorum* do Padre Ribadaneira, não se deve esquecer que essas eram também obras lidas por meninas e senhoras, mesmo não sendo religiosas. Eram obras básicas de formação religiosa para qualquer cristão do tempo, não sendo no entanto específicas da clausura. O mesmo se dirá do Padre Nieremberg, por exemplo, ou de vidas de algumas santas, como a de santa Clara ou Santa Teresa, por exemplo.

Procurando concertar estes exemplos com o campo de amostragem que se escolheu preferencialmente e que foi o do Convento da Madre de Deus, poder-se-á facilmente verificar que, antes de ser religiosa, e sobretudo em alturas em que de todo em todo o pensava ser, a nossa D. Violante Henriques, futura Soror Violante de Jesus Maria, lera Nieremberg, Santa Teresa e o *Flos Sanctorum*. Assim se confirma em Jerónimo de Belém: “Mandou D. Violante pedir a seu tio e padrinho Francisco de Miranda Henriques algum livro espiritual, que para todos servisse, e que estimaria lhe mandasse o *Flos Sanctorum* do Padre Ribadaneira (...) Porque não havendo modo de se lhe enviar o *Flos Sanctorum*, lhe foi remetido um pequeno tratado do Padre João Eusébio Nieremberg sobre a *afeição, e amor, que devemos ter à Virgem Maria*

⁶⁵ Diogo Barbosa MACHADO - *Biblioteca Lusitana*, tomo III, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, 285: *A toda esta sagrada liberalidade excedeu a livraria, que é a maior que tem casa religiosa, a qual ocupa duas casas, uma pequena, que guarda os livros M.S. e outra muito espaçosa, cercada de duas ordens de estantes, umas superiores às outras, primorosamente fabricadas e cheias de livros de todas as artes e ciências, encadernados todos em pasta dourada. Para aumento anual desta livraria, comprou um juro de trezentos e cinquenta e quatro mil reis, dos quais duzentos e vinte e nove deputou para aumento e conservação dos livros; quarenta mil reis para o bibliotecário, vinte e cinco para um leigo que lhe assistisse e sessenta mil à comunidade para o sustento de ambos.*

Nossa Sr^a e o com que ela nos ama (...). Deparou-lhe Deos outro livro do mesmo Venerável Niemberg, da *afeição, e Amor de Jesus*, e a sua leitura lhe penetrou por tal modo o coração, que como se fosse uma grande seta, que lho traspassasse, assentou logo consigo de deixar totalmente o mundo.”⁶⁶ E o cronista diz ainda mais, permitindo-nos perceber o itinerário de leituras que, na época, eram de algum modo paradigmáticas da educação de meninas: “Não faltou quem notasse em outro tempo, que oferecendo-se a esta devota contemplativa o livro *Diferença entre o temporal e eterno*, do mesmo Venerável Niemberg, ela o arrojara de si, dizendo que não queria beatices, senão cousas de divertimento, mas permitiu o Senhor que outros do mesmo autor lhe abrissem os olhos e penetrassem o coração para o acerto de uma vida perfeita”⁶⁷.

Também Soror Teresa da Madre de Deus⁶⁸ leu as *Moradas* de Santa Teresa, antes de entrar para o convento.⁶⁹

O mesmo tipo de leituras se confirma em outra religiosa do mesmo convento, Soror Clara do Santíssimo Sacramento, de quem se diz: “Como não podia haver sempre livros novos, tomou a providência de mandá-los comprar à feira do Rossio; mas com maior providência; porque da primeira vez lhe levaram um *Flos sanctorum*, [cousa] em que ela pouco cuidava; e abrindo-o, encontrou logo com a vida da matriarca Santa Clara; e da segunda, sem ela o procurar, a *Vida de Santa Teresa de Jesus*, a quem foi sempre naturalmente inclinada.”⁷⁰

Estas informações, a que muitas outras se poderiam juntar⁷¹, afiguram-se-nos interessantes, por permitirem não só distinguir, no âmbito dos catálogos das livrarias monásticas, o que é especificamente monástico do que não o é, mas também porque permitem:

a) ter uma certa percepção do que seriam as leituras femininas no século XVII, nas casas de família, grande parte das quais continuaram ainda durante o séc. XVIII.

b) Suspeitar que algumas dessas leituras, consideradas formativas para senhoras, tinham às vezes como intenção o despertar da vocação religiosa em certas meninas, sobretudo numa época em que, apesar das inúmeras tomadas de hábito forçadas e sem alternativa, a vida religiosa verdadeiramente desejada era encarada

⁶⁶ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, pp. 201-202.

⁶⁷ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 202.

⁶⁸ Tomou hábito em 1665.

⁶⁹ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 290.

⁷⁰ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 413.

⁷¹ O *Agiolôgio Lusitano (...)* de Jorge Cardoso também fornece algumas informações em torno das leituras feitas por senhoras nobres. D. Isabel de Castro lia na *Crónica dos Menores* de Fr. Marcos a vida de S. Francisco, de quem era devotíssima (tomo I, pp. 266-273).

como factor enaltecendor de uma certa noção de honra e de poder, que acabava por reverter indirectamente sobre as famílias dessas religiosas. Não seria esse o desejo de Francisco Miranda Henriques? O de tentar chamar a sua sobrinha para os caminhos da religião?

c) Perceber os pontos de convergência entre estes livros lidos em casa da família e os mesmos livros lidos no convento, que, se calhar, eram elas próprias quem levava consigo. Assim se deduz de Fr. Jerónimo de Belém, que, relatando as experiências espirituais do noviciado de Soror Violante de Jesus Maria, diz que a Mestra de Noviças “para provar a obediência da sua discípula”, a privou de certos prazeres, entre os quais algumas leituras: “custou-lhe muitas lágrimas o privá-la de ler o seu mimoso livro *Da Afeição, e amor de Jesus*, e nem por isso pediu dispensa do preceito”.⁷² Parece natural que a obra tivesse vindo parar ao convento através de Soror Violante, uma vez que foi decisiva para a sua entrada para religiosa, e porque Soror Violante parecia nunca a largar das mãos...

Assim, o papel conferido a esses livros (mesmo se recorrentes nos conventos, ou mesmo se do conhecimento das senhoras antes de entrarem para religiosas) pelos relatos devotos assegura-lhes, para além da função mimético-exemplar e construtora do comportamento cristão em geral, uma função de descoberta da vocação religiosa de algumas senhoras e uma função propedéutica na formação das próprias religiosas. O facto de alguns catálogos apresentarem núcleos de várias obras de um mesmo autor parece confirmar a função formadora particularmente confiada a um determinado escritor. Um dos casos mais eloquentes destes catálogos é Nieremberg, autor que aparece nada menos que 7 vezes, com obras diversas, no Convento da Madre de Deus (*Obras cristãs; Obras espirituais; Obras filosóficas; Ideias da virtude; Vidas exemplares; Vida de Sto Inácio de Loyola; Firmamento Religioso*) e mais 3 vezes em Ave-Maria e Chelas, com *Afeição e Amor de Maria SS., Da fermosura de Deus e Diferença entre o temporal e eterno*, esta última obra aparecendo, também, por sua vez, nos conventos do Calvário, Ave-Maria, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Marvila, Santos e S. Salvador de Vairão. Trata-se de um autor com 10 obras dispersas por livrarias monásticas femininas, o que faz dele um autor matricial na formação da espiritualidade monástica.

Se considerarmos as palavras de Joaquim de Carvalho, a propósito da livraria de D. Diogo de Murça, que sustentam que “uma livraria é sempre, pelo menos, o espelho das curiosidades de espírito de quem a organiza e dispõe”⁷³, talvez seja

⁷² *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, pp. 220-221.

⁷³ Joaquim de CARVALHO - “A Livraria de um Letrado do século XVI”, *Estudos sobre Cultura Portuguesa do séc. XVI*, 2^o vol., Coimbra, 1948, p. 111.

legítimo pensar-se que, nesse conturbado e vigiado século XVIII, uma livraria eventual feminina seria o conjunto de obras em torno das quais parece ter existido um consenso quanto à sua importância na formação das religiosas. Poderiam ter uma orientação mais mística, mais afectiva ou mais ascética, mas eram, no entanto, encaradas como excedentárias ou suplementares, face à matriz tradicional em torno da qual pautavam o essencial da sua vida e que era a Regra e o Ofício Divino⁷⁴.

Modalidades e funcionalidade da leitura

Quanto às modalidades de leitura experimentadas pelas religiosas, as crónicas indicam-nos que, para o caso deste Convento da Madre de Deus, que tomámos inicialmente como paradigma, as leituras ora se processavam em solidão, talvez nas religiosas mais dadas a devoções e retiros espirituais, ora constituíam uma prática realizada em grupos, de que resultaria de seguida um diálogo partilhado. Assim nos é permitido supor, depois de ler o que a propósito da mesma Soror Violante de Jesus Maria diz Fr. Jerónimo de Belém: *Na refeição do Refeitório não perdia ponto para meditar; porque de tudo tirava matéria para contemplação; e da mesma lição da mesa dava depois tão fiel relação, como se de propósito a houvera estudado*⁷⁵. Esta informação indicia um uso de conversar, talvez durante o recreio, sobre os temas de reflexão propostos à comunidade e demonstra a forma como a leitura era aproveitada e interiorizada pelas religiosas, pressupondo uma *meditação* e, às vezes, uma *mediação*, no sentido em que o conteúdo de determinada passagem podia ser melhor esclarecido pela colaboração de outra freira. Daí talvez a pertinência da alusão à *particular graça em ler livros* de Soror Violante de Jesus

⁷⁴ A este respeito, no século XVII, são eloquentes algumas palavras de Fr. António das Chagas, a propósito da função dos livros na clausura feminina, que ele parece valorizar apenas secundariamente, e dos quais parece ter, por vezes, uma visão algo avessa, face a uma talvez eventual moda de leitura no interior dos conventos. Chagas parece considerar que alguns livros só são adequados a algumas religiosas. Os alicerces da vida espiritual encontra-os Chagas na alegria, no amor do próximo, na prática de virtudes. A multiplicidade de leituras espirituais é vista às vezes como eventualmente impeditiva de uma caminhada sólida. Assim, os livros ajudam, mas poucos bastam: “Encomendo-lhe que se alegre em tudo o que lhe vier, como não seja culpa; que ame ao próximo; que leia poucos livros, que os muitos confundem; que se apegue a um e especialmente o escolha, seja qualquer que for; e que, ouvindo as virtudes e vidas dos santos, as imite quanto puder, mas principalmente faça por andar sempre em lembrança de Deus” (cf. Carta CXC da edição citada, p. 350). Na carta CCLV reitera a mesma ideia de que é na aplicação dos princípios de só um ou outro livro que consiste o benefício da leitura na clausura: “E veja V. M esse rol, que agora são os melhores livros que me lembram, e um bem obedecido basta para que qualquer seja melhor” (p. 420).

⁷⁵ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 227.

Maria. Fr. Jerónimo de Belém alude a várias outras situações atinentes à leitura em grupo e comentada, de que referiremos apenas mais esta, para não nos alongarmos demasiado: *Em outra ocasião, em que se achavam algumas Religiosas lendo o que se escreve do Purgatório de S. Patrício, disse uma delas*⁷⁶.

Mas a leitura também constituía às vezes um acto solitário – e essencial nessa modalidade solitária – para certas religiosas de gosto mais ascético. O mesmo Jerónimo de Belém, a propósito de outra religiosa da Madre de Deus, Soror Francisca das Chagas, refere: *O tempo que lhe restava das suas obrigações gastava todo em uma casa retirada em oração e lição dos livros espirituais; e se lhe diziam porque não se divertia algum espaço com as Freiras, a sua resposta era esta: Aqui falo com S. Bernardo e S. Boaventura, que são discretos*⁷⁷.

Ora S. Bernardo e S. Boaventura constituem justamente dois autores que supomos terem sido bastante conhecidos em outros conventos portugueses, mas que quase só encontramos no catálogo do convento da Madre de Deus. A *Teologia Mística* aparece na Madre de Deus e também na Piedade da Esperança e no Calvário de Évora, mas os *Tratados* e a *Doctrina Cordis* só nos surgem na Madre de Deus, o que poderá explicar esta preferência da Madre Francisca das Chagas. No entanto, não devemos esquecer que o *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel, religiosa cisterciense do mosteiro de S. Bento de Castris, em Évora, terá muito provavelmente tido como pauta matricial as *Meditações da Vida de Cristo* (por essa altura ainda atribuídas a S. Boaventura), como já o demonstrámos recentemente, em outro lugar⁷⁸.

No âmbito das tipologias encontradas nestes catálogos, será necessário pensar-se que existiria uma hierarquia de leituras, sendo umas obras destinadas aos momentos de recreação e outras aos momentos de formação espiritual e de formação específica na vida religiosa (cf. *Perfeita Religiosa, Religiosa Instruída, Espelho de Religiosas,...* obras todas elas existentes neste Convento da Madre de Deus, conforme consta no catálogo), e outras ainda destinadas aos retiros espirituais, por exemplo. A tipologia hagiográfica, concretizada nas vidas de santos que abundam ao longo de todos os catálogos dos 16 conventos seriam obras mais próprias dos momentos de lazer, onde as leituras não deixavam, no entanto, de ser formativas. O Padre Chagas aconselha algumas para o recreio⁷⁹, nas suas *Cartas Espirituais* e, na

⁷⁶ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 176.

⁷⁷ *Crónica Seráfica - op. cit.*, Parte III, p. 182.

⁷⁸ Ver Isabel MORUJÃO - "Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel", in *Via Spiritus*, Ano 5, Porto, 1998, pp. 177-208.

⁷⁹ Ver José Adriano de CARVALHO - *Do recomendado ao lido (...)*, *op. cit.*

carta CCXCIII, atribui-lhes mesmo um papel decisivo na permeabilidade a Deus e na lembrança quotidiana de conversão: *Dos livros darei a V. M. também aviso e notícia. E folgara que V. M. tivera hora de lição das vidas dos santos, que na verdade são os maiores despertadores para quem tem juízo e se quer aproveitar das marés de Deus.* Nestas considerações de Chagas pode ver-se uma valorização das leituras mais tradicionais junto do universo feminino. Por acreditar que assim devia ser realmente? Por não estar muito actualizado nas suas leituras e só poder aconselhar o que conhecia? Por não ter tempo de investir mais aprofundadamente em leituras de obras mais recentes?⁸⁰ Como reacção a pedidos cada vez mais comuns de sugestões de leitura? Talvez esta última hipótese possa assumir uma certa relevância, confirmando um acrescido interesse, por parte das religiosas, pela literatura de formação espiritual, que pareciam ter descoberto por esses anos 70 do século XVII.

De facto, é notória a relativamente moderna aquisição de livros por parte dos conventos representados nestes catálogos. Os dados relativos às datas de edição das obras⁸¹ são significativos da sensibilidade à leitura por parte de alguns conventos que, ou não possuíam certas obras senão muito tardiamente, ou entretanto perderam-nas, alienaram-nas ou estragaram-nas. No entanto, o Convento da Madre de Deus surge quase sempre como pioneiro na aquisição de obras de espiritualidade, pois o seu catálogo regista as edições mais antigas, no quadro das recorrências assinaladas. Para algumas obras, o Convento da Madre de Deus possui exemplares do século XVI. Mas este fundo de obras do século XVI na Madre de Deus não encontra grande correlato nos outros conventos. O da SS. Trindade, por exemplo, nos seus 159 títulos, só possui um único do séc. XVI, correspondente à *Escada Espiritual de S. João Clímaco* de Fr. Luis de Granada, editada em Sevilha, sendo os restantes títulos quase todos do séc. XVIII (122 obras) e 36 títulos do séc. XVII, na sua maioria já tardios.

Qualquer inventário, por mais significativo que seja da riqueza cultural e espiritual de certos conventos e mosteiros, deve ser compulsado com outras

⁸⁰ A escassez de tempo é um problema com que se debate o pregador do Varatojo. Repare-se não só nas despedidas apressadas de muitas das suas cartas, como também no que afirma na Carta CXCII, p. 353 da edição citada: "Foi prudência o poupar o livro, que eu tenho essa ruim manha de os dobrar e assim ficam, porque me falta o tempo para o que noto". Para além desta evidente alusão à sua falta de tempo para interiorizar conhecimentos mais recentes, a referência é interessante por deixar transparecer estratégias de leitura, neste caso a de assinalar o que merece interesse, dobrando a página.

⁸¹ Tal como já se disse, não exploramos aqui o filão das datas de edição, por exigir uma grande disponibilidade de tempo (que não tivemos) na averiguação do rigor e da veracidade das datas apontadas pelos catálogos e porque tornaria este trabalho demasiado extenso. Pensamos fazê-lo posteriormente.

informações acerca da leitura e da comunidade leitora, no sentido de tentar entrever qual a *função* e o *estatuto* cumpridos pela existência de determinada biblioteca, no caso vertente, das bibliotecas conventuais femininas. De facto, já salientámos as diferenças entre *livraria do convento*, isto é, *livros da comunidade*—cujo acesso poderia estar mais ou menos reservado—, *livros do uso*, isto é, livros pertencentes a certas religiosas ou à comunidade em geral, mas que andavam na posse mais ou menos corrente de certas freiras e *livros das religiosas*, que não eram propriamente pertença da comunidade e que podiam ou não andar no uso de qualquer outra religiosa. O conhecimento de que algumas religiosas compravam livros com o seu dinheiro ajuda a configurar o espaço de circulação do livro e a sua função como instrumento ou símbolo não só de um saber espiritual, mas também de poder económico e social. Lembremos Soror Helena da Cruz, do Convento da Esperança, por exemplo⁸². No entanto, os catálogos inventariam o que existe e não propriamente o que se lê, e a maior parte deles refere indistintamente os livros do uso e os livros da comunidade, os livros menos lidos e os incontornáveis na vida de uma religiosa. A desmembração de núcleos de livros necessária à organização de catálogos deste género impediu a passagem de outra informação mais eloquente. Mesmo os inventários “do Uso” que alguns conventos enviam são insuficientes na informação que transmitem. Sabemos que eram os livros lidos, mas não se pode saber até que ponto expressam a sensibilidade de uma espiritualidade comunitária, ou até de uma determinada congregação. Sobre tudo porque estes catálogos “do uso” são todos eles muito pequenos...⁸³

Um *substrato modelador básico*

Os livros que constituem o que acima intitulámos de *substrato modelador básico* (cf. **Metodologias e estratégias**) são os seguintes:

1-*Escada Mística de Jacob* de Paulo Cardoso (um dos pseudónimos de Fr. Manuel Guilherme O.P.) - 11 ocorrências, nos conventos do Salvador, Ave-Maria,

⁸² Cf. Cod. 87 B.N.L, fl. 81v.: *Foi mui inclinada à Lição dos Livros, de cujos exemplos tirava as imitações em que se assemelhou a muitos santos. Na frase destes tinha também voto, que sabia estimar os melhores autores para a preferência, e finalmente em tudo o bom entendia o que era melhor: Em saindo de novo algum livro, sendo espiritual o comprava, sem reparo no custo, e ainda em maiores dispêndios foi o seu coração tão grande que tanto apreço fazia do ouro como do cobre.*

⁸³ A extensão da biblioteca privada das religiosas devia variar muito de convento para convento e de religiosa para religiosa. Vários factores estavam implicados na constituição deste tipo de bibliotecas, não só a quantidade de ofertas ou a capacidade de aquisição de livros, mas também os conselhos de orientadores espirituais. Para o Padre Chagas, por exemplo, a variedade de livros que uma religiosa devia conhecer não ia muito longe: “Que leia poucos livros, que os muitos confundem; que se pegue a um e especialmente o escolha, seja qualquer que for.” (Carta CXC, p. 350 da edição citada).

Encarnação, Esperança, Calvário, Bom Sucesso, SS. Trindade, Madre de Deus, Odivelas, Chelas e Santos.

2-*Mística Cidade de Deus* de Maria de Jesus de Ágreda (Concepcionista) - 11 ocorrências, nos conventos da Esperança, Ave-Maria, Calvário, Santa Clara, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Marvila, Santo Alberto e Vairão.

3-*Desenganos Místicos* de António Arbiol (O.F.M.) - 8 ocorrências, nos conventos da Esperança, Ave-Maria, Calvário, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Santos e Santo Alberto.

4-*Religiosa Instruída* de António Arbiol (O.F.M.) - 8 ocorrências, nos conventos da Esperança, Calvário, Santa Clara, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Santo Alberto e Vairão.

5-*Exercícios Espirituais* de Manuel Bernardes (Oratório) - 8 ocorrências, nos conventos da Esperança, Ave-Maria, Calvário, Sta. Clara, SS. Trindade, Madre de Deus, Santos e Santo Alberto.

6-*Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis (Irmãos da Vida Comum)- 8 ocorrências, em Ave-Maria (onde aparece em 6 bibliotecas particulares), Esperança, SS. Trindade, Madre de Deus, Odivelas, Chelas, Santo Alberto e Vairão.

7-*Delícias do Coração Católico* de Manuel Consciência (Oratório)- 7 ocorrências, nos conventos da Esperança, Ave-Maria, Santos, Calvário, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus.

8-*Luz e Calor* de Manuel Bernardes (Oratório)- 7 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus e Marvila.

9-*A Religiosa em Solidão* de João Pedro de Pinamonte (S.J.) - 7 ocorrências, em Ave-Maria (onde aparece 4 vezes), Calvário, Santa Clara, SS. Trindade, Madre de Deus, Odivelas e Marvila.

10-*Pecador convertido ao caminho da verdade* de Manuel de Deus (O.F.M.) - 7 ocorrências, em Ave-Maria, Esperança, Calvário, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus e Santos.

11-*Santuário Mental* de António Carneiro (S.J.) - 7 ocorrências, nos conventos da Esperança, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Vairão, Calvário e Chelas.

12-*Introdução à vida devota* de Francisco de Sales (clero)- 7 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário, Santa Clara, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Santo Alberto e Madre de Deus.

13-*Despertador do Amor Divino* de D. Fernando da Cruz (C.R.S.A.) - 7 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário, SS. Trindade, Madre de Deus, Chelas, Santo Alberto e Vairão

14-*Coroa Seráfica* de Fr. Pedro de Jesus Maria (O.F.M.) - 6 ocorrências, em

Ave-Maria (onde aparece 3 vezes), Esperança, Santa Clara, SS. Crucifixo, Madre de Deus e Vairão.

15-*Cartas Directivas* de Manuel Velho (Pseudónimo de Fr. Manuel Guilherme O.P.)- 6 ocorrências, em Ave-Maria (onde aparece duas vezes), Calvário, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, Madre de Deus e Santos.

16-*Desejos Piedosos* de José Pereira Velozo (note-se que esta obra de Fr. António das Chagas O.F.M. é atribuída ao seu editor...) - 7 ocorrências, em Piedade da Esperança, SS. Crucifixo e Madre de Deus, Ave-Maria, Santíssima Trindade, Santo Alberto e Vairão.

17-*Obras Espirituais* do P.e Chagas (O.F.M.) - 6 ocorrências, em Ave-Maria (onde aparece 4 vezes), Sta. Clara, SS. Crucifixo, Madre de Deus, Santo Alberto e Chelas.

18- *Gritos do Purgatório* ou *Gritos das Almas do Purgatório* de José Boneta (clero) - 6 ocorrências, sendo 3 delas no mosteiro de Ave-Maria, Santíssimo Crucifixo e Madre de Deus e outras 3 na Encarnação, SS. Trindade e Chelas, estas últimas atribuídas ao seu tradutor para Português, Manuel de Coimbra, e apenas com o título *Gritos das Almas*. As edições da Madre de Deus e do SS. Crucifixo são de Sevilha.

19-*Crónica Seráfica* de Damião Cornejo (O.F.M.)- 5 ocorrências, nos conventos do Calvário, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

20-*Novenas para os principais mistérios de Nossa Senhora* de Manuel Consciência (Oratório) - 5 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria (onde aparece 5 vezes), Santos, Esperança, Madre de Deus e Vairão.

21-*Refeição Espiritual* de Fr. Manuel do Sepulcro (O.F.M.)- 5 ocorrências, no Calvário, Sta. Clara, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

22-*Novas Florestas* do P.e Manuel Bernardes (Oratório)- 5 ocorrências, em Sta Clara, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus e Santos.

23- *Meditações sobre os principais mistérios da Virgem Nossa Senhora* de Manuel Bernardes (Oratório)- 5 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, SS. Trindade, Madre de Deus Santo Alberto e Vairão.

24-*Graças da Graça* de José Boneta (clero) - 5 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Trindade, Madre de Deus, Salvador e Vairão.

25-*Báculo Pastoral* de Francisco Saraiva de Sousa (clero) - 5 ocorrências, em Ave-Maria, Madre de Deus, Chelas, Marvila e Vairão.

26-*Obras Espirituais* de Luís de Granada (O.P.) - 5 ocorrências em de Ave-Maria, Bom Sucesso, SS. Trindade, Vairão e Madre de Deus.

27-*Vida de S. Vicente Ferrer* de Domingos Freire Coelho (O.P.) - 5 ocorrências, no SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Santos e Vairão.

28-*Meditações da Infância de Cristo* de Bartolomeu do Quental (Oratório) – 5 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria (onde aparece 3 vezes), no Calvário, Madre de Deus, Chelas e Santos.

29-*Obras de Santa Teresa* (O.C.D.)- 5 ocorrências, em Bom Sucesso, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Santo Alberto e Madre de Deus.

30-*Trabalhos de Jesus* de Fr. Tomé de Jesus (E.S.A.)- 5 ocorrências, em SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus, Santo Alberto e Marvila.

31-*Agiolôgio Dominicó* de Manuel de Lima (O.P.)- 4 ocorrências, em Ave-Maria, Bom Sucesso, SS. Trindade, Madre de Deus.

32-*Cartas Espirituais* de António das Chagas (O.F.M.)- 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, em Sta. Clara, SS. Trindade e Madre de Deus.

33-*Cartas Espirituais* de Francisco de Sales (clero)- 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

34-*Práticas Espirituais* de Manuel Velho⁸⁴ (O.P.)- 4 ocorrências, nos conventos da Esperança, Ave-Maria, SS. Trindade e Madre de Deus.

35-*Directório de Religiosas* de Fradique Espinola (Cister) - 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

36-*Fugida do Mundo para Deus pela Escada de Penitência* de Gregório Taveira (Ordem de Cristo)- 4 ocorrências, em Santos, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

37-*Vida de Soror Brígida de Santo António* de Fr. Agostinho de Santa Maria (E.S.A.) - 4 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário, SS. Crucifixo e Madre de Deus.

38-*História da Fundação do Real Convento de Santa Mónica da Cidade de Lisboa* de Fr. Agostinho de Santa Maria (E.S.A.) - 4 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo, Madre de Deus e Marvila.

39-*Tesouro Carmelitano* de Fr. José de Jesus Maria (O.C.)- 4 ocorrências, em Santos, Encarnação, SS. Crucifixo e Madre de Deus.

40-*Escola de Belém* de Alexandre de Gusmão (Oratório) - 4 ocorrências, em Bom Sucesso, SS. Trindade, Madre de Deus e Marvila.

41- *Flos Sanctorum* de Pedro de Ribadaneira (S.J.) - 4 ocorrências, na SS. Trindade, Madre de Deus, Marvila e Vairão.

42- *Flos Sanctorum* de Alonso de Villegas (S.J.) - 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Bom Sucesso, Madre de Deus e Vairão.

⁸⁴ Desconhece-se esta obra de Manuel Velho, como já se disse um pseudónimo de Fr. Manuel Guilherme O.P. Mesmo pensando que se trata de um erro, não deixa de ser significativo que o mesmo erro ocorra simultaneamente em quatro catálogos...

43- *Desposórios do Espírito Divino com Soror Mariana do Rosário*, de António de Almada (E.S.A.)- 4 ocorrências, nos conventos do SS. Crucifixo, Madre de Deus, Chelas e Vairão.

44- *Crónica dos Carmelitas Descalços* de Fr. Belchior de Santa Ana (O.C.D.) - 4 ocorrências, em Santa Clara de Vila do Conde, Madre de Deus, Conceição de Marvila e Vairão.

45- *Crónica de Cister* de Bernardo de Brito (Cister) - 4 ocorrências, no SS. Crucifixo, SS. Trindade, Madre de Deus e Vairão.

46- *Crónica dos Frades Menores* de Fr. Marcos de Lisboa (O.F.M.) - 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, na Madre de Deus, Marvila e Vairão.

47- *Obras Espirituais* de S. João da Cruz (O.C.D.) - 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, no SS. Crucifixo, Santo Alberto e Madre de Deus.

48- *Avisos Espirituais de Santa Teresa comentados por Alonso de Andrade* (O.C.D. e S.J.) - 4 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Calvário, Santo Alberto e Madre de Deus (2 vezes).

49- *Tributo de vários obséquios à honra de S. José* de José Maria Prola (S.J.) - 4 ocorrências, em Madre de Deus, SS. Crucifixo, Santo Alberto e Vairão.

50- *Inocência Prodigiosa* de Manuel Consciência (Oratório) - 3 ocorrências, no mosteiro de S. Bento de Ave-Maria, SS. Trindade e Madre de Deus

51- *Motivos para acompanhar o Santíssimo Sacramento* de P.e Luís António da Gama (Oratório) - 3 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Madre de Deus e SS. Trindade

52- *Resumo Espiritual* de Fr. António da Madre de Deus (Eremita da Serra de Ossa)- 3 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, SS. Trindade e Madre de Deus.

**53- *Direcção para nove dias de Exercícios Espirituais* de Manuel Bernardes (Oratório) - 3 ocorrências, na Piedade da Esperança, SS. Crucifixo e Madre de Deus – todos conventos de clarissas.

54- *Filho de David* de D. Cristóvão Lozano (clero) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e Madre de Deus.

**55- *Teologia Mística* de S. Boaventura (O.F.M.) - 3 ocorrências, na Piedade da Esperança, Calvário de Évora e Madre de Deus – Todos conventos de clarissas

56- *Espelho de Perfeitas Religiosas* de Fr. José de Jesus Maria (O.F.M.) - 3 ocorrências, nos conventos da Piedade da Esperança, SS. Trindade e Madre de Deus.

**57- *Motivos Espirituais* de Rodrigo de Deus (O.F.M.)- 3 ocorrências, no Calvário, SS. Crucifixo e Madre de Deus – todos conventos de clarissas.

58- *Obras de Luis Blosio* (S. Bento)- 3 ocorrências, no Calvário, SS. Trindade e Madre de Deus.

59- *Rosas do Japão* de Fr. António de Santa Maria (O.S.A.D.)- 3 ocorrências, no Calvário, Madre de Deus e Conceição de Marvila.

**60- *Crônicas Franciscanas* de Fr. Fernando da Soledade (O.F.M.)- 3 ocorrências, no convento de Santa Clara de Vila do Conde, SS. Crucifixo e Madre de Deus – todos conventos de clarissas.

**61- *Vida da Madre Maria Francisca do Livramento* de Fr. Manuel de S. Luís (O.F.M.)- 3 ocorrências, em Santa Clara de Vila do Conde, SS. Crucifixo e Madre de Deus - todos conventos de clarissas.

62- *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso (clero) - 3 ocorrências, em Bom Sucesso, SS. Crucifixo e Madre de Deus.

63- *Luz de Verdades Católicas* de João de la Parra (S.J.)- 3 ocorrências, no Bom Sucesso, SS. Trindade e Madre de Deus.

64- *Obras do Mestre Ávila* (S.J.) - 3 ocorrências, no Bom Sucesso, SS. Crucifixo e Madre de Deus.

65- *Manjar da Alma* de Estêvão de S. Ângelo (O.C.)- 3 ocorrências, no SS. Crucifixo, Madre de Deus e Santos.

66- *Amores de Maria Santíssima* de D. Fernando da Cruz (C.R.S.A.) - 3 ocorrências, no SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

67- *Vida de Santa Teresa de Jesus* de Nuno Barreto Fuzeiro (leigo) - 3 ocorrências, no SS. Crucifixo, SS. Trindade e Madre de Deus.

68- *Itinerário Historial* de Alonso de Andrade (S.J.) – 3 ocorrências, em Marvila, Madre de Deus e Vairão.

69- *Semana Santa (...), Vozes da Alma nas Soledades do Bussaco* de Fr. Antônio da Expectação (O.C.D.) – 3 ocorrências, em Santo Alberto, Calvário e Madre de Deus.

Fora do eixo do Mosteiro da Madre de Deus, os outros pólos de convergência de leituras verificados entre os restantes conventos são os seguintes:

1 - *Mestre da Vida* de João Franco (O.P.) - 10 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Calvário, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, Esperança, SS. Trindade, Odívelas, Salvador de Évora, Santo Alberto e Vairão.

2 - *Combate Espiritual*⁸⁵ de Lourenço Scupoli (Teatino) - 8 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Esperança, Calvário, SS. Trindade, Chelas, Salvador, Santos e Vairão.

3 - *Manual de Exercícios Espirituais* de Tomás de Villa Castim (S.J.) - 8 ocorrências, no mosteiro do Salvador, Sta. Clara, SS. Crucifixo, Chelas, Esperança, Ave-Maria, Santos e Calvário.

⁸⁵ Obra muito recomendada às religiosas por Fr. Antônio das Chagas, em várias das suas cartas (ver, por exemplo, a carta X ou a carta XLI da edição citada).

4 - *Diferença entre o temporal e eterno* de Eusébio Nieremberg (S.J.) - 8 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Calvário, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Marvila, Santos, Santo Alberto e Vairão.

5 - *Jóia riquíssima dos corações limpos* de D. Fernando da Cruz (C.R.S.A.) - 6 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Santos, Calvário, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Vairão.

6 - *Flos Sanctorum* de Diogo do Rosário (O.P.)- 5 ocorrências, no mosteiro de Ave-Maria, Bom Sucesso, SS. Crucifixo, Marvila e Vairão.

7 - *Desenganos religiosos das almas que tratam virtude* da Madre Maria de la Antigua (clarissa)- 5 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário, Sta. Clara, SS. Crucifixo e Chelas.

8 - *Aparelho Eucarístico* de Miguel Dias (S.J.) - 4 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo, Santos e SS. Trindade.

9 - *Reformação Cristã* de P.e Francisco de Castro (S.J.)- 4 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo, SS. Trindade, Vairão.

10 - *Banquete Espiritual* de Bartolomeu dos Mártires (O.P.)- 4 ocorrências, em Ave-Maria, Bom Sucesso, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

11 - *Avisos e Reflexões sobre o que deve obrar um Religioso* de um anônimo beneditino - 4 ocorrências, em Ave-Maria, Bom Sucesso, Calvário e SS. Crucifixo.

12 - *Mantimento da Alma* de Drº João da Silva (S.J.) - 4 ocorrências, em Santos, Esperança, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

13 - *Retiro Espiritual* de José Altamirano (clero)- 4 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo, SS. Trindade e Calvário.

14 - *Meditações das Domingas do ano* de Bartolomeu do Quental (Oratório)- 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

15 - *Vida de Jesus Cristo Senhor Nosso* de João Baptista de Castro (clero) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, Esperança e SS. Crucifixo.

16 - *Descrição do Tormentoso Cabo da Enganosa Esperança à hora da morte* do Padre Nicolau Fernandes Collares (S.J.) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário e SS. Crucifixo.

17 - *Espelho de Religiosos* de Afonso da Cruz (Cister) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e Chelas

18 - *Arte da boa morte* de Manuel dos Anjos (O.F.M.) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e SS. Trindade

19 - *Agiolégio Dominicó* de Fr. José da Natividade (O.P.)- 3 ocorrências, em Ave-Maria, Bom Sucesso e SS. Crucifixo.

20 - *Devoção do SS. Coração de Jesus* de Fr. Francisco Brandão (E.S.A.) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

21 - *Considerações devotas sobre os Exercícios de Santo Inácio* de P.e Francisco de Salazar (S.J.)- 3 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário e SS. Trindade.

22 - *Meditações da Infância e Sacratíssima Paixão e Morte de Cristo* de Bartolomeu do Quental (Oratório) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, Santa Clara e SS. Trindade

23 - *Vida e Milagres de S. Caetano de Thiene* de Jerónimo Contador Argote (Teatino) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Trindade e Marvila.

24 - *Vida de S. Francisco de Paula* de Fr. José Gomes da Cruz (O. Cristo) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

25 - *Solilóquios Divinos* de Bernardino de Villegas (S.J.)- 3 ocorrências, em Ave-Maria, Calvário e Santa Clara.

26 - *Novena de Santa Ana* de Anónimo - 3 ocorrências, em Santos, Santa Clara e Chelas.

27 - *Novena de Santa Gertrudes* de Anónimo - 3 ocorrências, em Santos, Santa Clara e SS. Crucifixo.

28 - *Novena de S. Francisco de Borja* de Inácio Ribeiro (S.J.), - 3 ocorrências, em Santos, Santa Clara e SS. Crucifixo.

29 - *Meditações dos Mistérios da Nossa Fé* de Luís de la Puente (S.J.)- 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e Marvila

30 - *Compêndio Doutrinal* de Pedro Pinamonte (S.J.) - 3 ocorrências, no Salvador, Ave-Maria e SS. Trindade.

31 - *Gritos das Almas* de Manuel de Coimbra (clero)- 3 ocorrências, na Encarnação, SS. Trindade e Chelas.

32 - *Elevações da Alma e Reflexões Eucarísticas* de João Baptista Bonavie (desconhecido)- 3 ocorrências, em Calvário, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

33 - *Epítome da Admirável Vida de Sta. Gertrudes a Magna* de Fr. João dos Prazeres (S. Bento)- 3 ocorrências, em Santa Clara, SS. Crucifixo e Chelas.

34 - *Pensamentos cristãos* do Padre António Araújo (tradução de Domingos Bouhours) (O. Cristo) - 3 ocorrências, na Piedade da Esperança, SS. Crucifixo e Vairão.

35 - *Vida de Santa Gertrudes* (traduzida) de Liandro de Granada (S. Bento) - 3 ocorrências, no Calvário, Bom Sucesso e Vairão.

36 - *Semana Santa* de Manuel Sanches (Oratório) - 3 ocorrências, na SS. Trindade, SS. Crucifixo e Vairão.

37 - *Vida de Santa Quitéria* de Fr. Bento da Ascensão (S. Bento) - 3 ocorrências, em Ave-Maria, SS. Crucifixo e SS. Trindade.

38 - *Convento Espiritual* de Caetano Alberto - 3 ocorrências, em Ave-Maria, Santíssimo Crucifixo e Santo Alberto. Caetano Alberto é o tradutor, mas a obra é de uma religiosa franciscana do convento de Granada.

39 - *Despertador cristão* de José de Barzea e Zembrana (clero) - 3 ocorrências, no Santíssimo Crucifixo, Marvila e Santo Alberto.

Desenham-se deste modo um total de 108 obras, cuja recorrência, igual ou superior a 3 exemplares, se afigura significativa do tal *substrato espiritual modelador básico*. Tomemo-lo, apesar de recortado de um campo de amostragem relativamente reduzido, como uma espécie de itinerário a percorrer, para atingirmos uma certa zona da corrente de espiritualidade portuguesa, que gravitava fortemente, por esta altura, em torno de muitos autores portugueses. Talvez seja esse um dos primeiros significados a atribuir a estas constantes. De facto, nestas 108 obras, regista-se uma significativa percentagem de autores portugueses, seguida, a larga distância, de autores espanhóis, e só depois, em muitíssimo menor número, de autores italianos e franceses, que perfazem apenas 10% das ocorrências, como se visiona melhor através do gráfico nº 1⁸⁶.

AUTORES POR NACIONALIDADE (Global)



Gráfico 1

Maria Adelaide Salvador Marques elaborou um índice de frequência de línguas para o total das 2420 bibliotecas que encontrou e, para todas, as percentagens eram semelhantes: mais de 50% eram obras escritas em Português, seguido depois do Latim, do Espanhol e, finalmente, do Francês. Embora não se tenha debruçado especificamente sobre as bibliotecas conventuais femininas, pode avançar-se agora, a partir desta análise selectiva em torno destes catálogos, que os livros em Latim eram praticamente inexistentes nestes catálogos que estudámos. Mas sê-lo-iam de facto nos conventos? E novamente se levanta a questão de saber se por livraria não entendiam as religiosas o conjunto de livros que realmente as religiosas liam ou viam ou entendiam, razão pela qual tivessem silenciado os livros latinos... Ou

⁸⁶ Todos os dados apresentados nos gráficos que se seguem incidem apenas sobre um número igual ou superior a 2 ocorrências, por acharmos pouco significativo, no universo de amostragem considerado, um número inferior a este.

estariam estes guardados em local pouco acessível, por serem considerados de pouca utilidade para religiosas que sabiam pouco Latim? Isso explicaria a tal anotação final da Vigária do convento de Santa Clara de Vila do Conde, pela qual se desculpa de eventuais, mas não voluntárias, omissões ao catálogo.

Como se pode observar pelo gráfico que segue, no geral, a relação entre as obras, os autores e os conventos revela que os jesuítas lideraram nas suas propostas de vida espiritual, seguidos de muito perto pelos franciscanos, vindo depois os oratorianos e os clérigos em geral, muito próximos dos dominicanos. Seguem-se-lhe os carmelitas, os eremitas de Santo Agostinho e os beneditinos. Em posição irrelevante, várias outras ordens: teatinos, cistercienses, Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, Ordem de Cristo. Em “Outros, englobaram-se ordens avulsas, sem expressão significativa: Ordem de Santo Agostinho Descalço, eremita da Serra de Ossa, concepcionista, Irmão da Vida Comum.. Veja-se o gráfico 2:

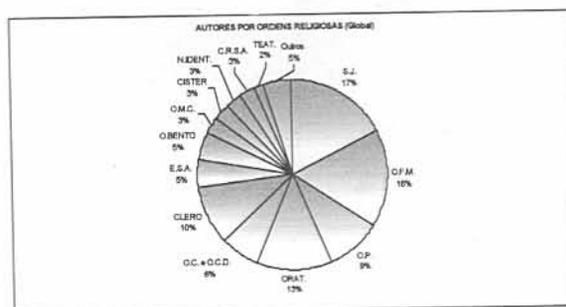


Gráfico 2

S.J.-Companhia de Jesus; O.F.M.-Ordem Frades Menores; O.P.-Ordem Pregadores; ORAT.-Congregação do Oratório; O.C. e O.C.D.-Ordem do Carmo e Ordem do Carmo Descalço; CLERO-Clero; E.S.A.-Eremitas de Sto. Agostinho; O.BENTO-Ordem de S. Bento; O.M.C.-Ordem Militar de Cristo; CISTER-Ordem de Cister; N.IDENT.-Não Identificados; C.R.S.A.-Cónegos Regrantes de Sto. Agostinho; TEAT.-Clérigos Regulares Teatinos; OUTROS-conjunto dos vários autores de outras ordens religiosas, sem expressão significativa.

No entanto, se fizermos a amostragem de distribuição dos autores por ordens religiosas partindo apenas do 1º núcleo de conventos, isto é, tomando como eixo fundamental a esfera do Convento da Madre de Deus (de religiosas clarissas) e agregando-lhe os conventos onde as obras do Convento da Madre de Deus também ocorrem, a repartição dos autores por ordens e congregações já aparece com uma

distribuição substancialmente diferente, onde são os franciscanos quem se destaca nesse *substrato modelador básico*, seguidos dos oratorianos, dos jesuítas e dos carmelitas e, finalmente, dos dominicanos. Outro factor diferenciador é o aumento significativo da mancha reservada a “Outros”, o que aponta para uma formação espiritual que, embora em número não significativo, passava por uma maior variedade e ecletismo nas ordens religiosas dos autores que adquiriam, como se vê no gráfico 3 que segue.

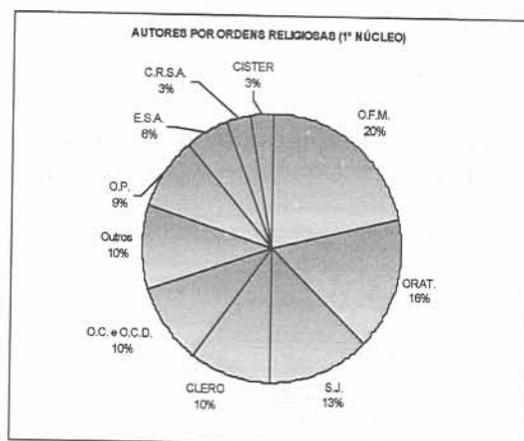


Gráfico 3

S.J.-Companhia de Jesus; O.F.M.-Ordem Frades Menores; O.P.-Ordem Pregadores; ORAT.-Congregação do Oratório; O.C. e O.C.D.-Ordem do Carmo e Ordem do Carmo Descalço; CLERO-Clero; E.S.A.-Eremitas de Sto. Agostinho; CISTER-Ordem de Cister;; C.R.S.A.-Cónegos Regrantes de Sto. Agostinho; OUTROS- conjunto dos vários autores de outras ordens religiosas, sem expressão significativa

Parece sugerir-se a ideia de que este *substrato modelador básico* assume configurações diversas conforme as casas religiosas, em função talvez da ordem religiosa a que essas casas pertencem.

A análise das recorrências de certas obras em vários conventos permitiu-nos ainda uma outra constatação: a de que algumas obras só aparecem em casas da mesma Ordem, no caso vertente, de clarissas. Encontrámos 5 obras nesse caso, que assinalámos na lista precedidas de dois asteriscos.

O visionamento da taxa de ocorrência destas 108 obras ao longo dos 16 catálogos trabalhados leva-nos, também, a uma outra conclusão. Veja-se o gráfico 4 que segue:

Ocorrência das Obras nos 16 Conventos analisados

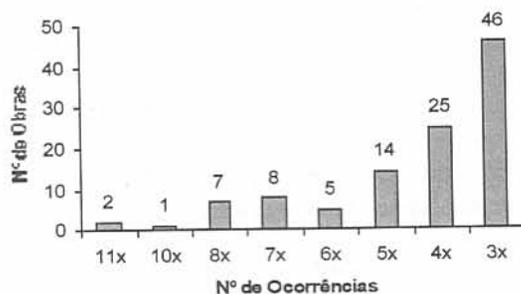


Gráfico 4

Como se pode confirmar, não há muitas obras que sejam comuns a um número elevado de conventos. Se há 48 obras comuns a, pelo menos, 3 conventos, repare-se que só há 7 obras comuns a metade dos conventos e apenas 3 obras a mais de metade.

Por isso, mesmo apesar de nos situarmos num universo de amostragem consideravelmente acanhado, talvez possamos sugerir que, contrariamente ao que se passou em outros países, como a Itália, por exemplo, que referimos logo no início destas páginas, em Portugal não parece ter havido um esforço estruturado em criar um percurso ou um programa de leituras para religiosas. Este *substrato modelador básico* aqui apresentado é de algum modo representativo das obras mais divulgadas na clausura feminina de Setecentos. Mas o balanço da tensão que se pode verificar entre concentração e dispersão de obras pelos conventos talvez deva levar-nos a concluir que as leituras na clausura feminina portuguesa dependiam, sobretudo, de circunstâncias específicas, como a Ordem religiosa a que cada convento pertencia (como aponta a comparação entre o gráfico 1 e o gráfico 2), as preferências dos orientadores espirituais, a maior ou menor exposição ao ambiente da corte, etc.

Considerações gerais

De uma forma geral, há que chamar a atenção para uma certa modernidade das bibliotecas, quase todas elas maioritariamente do século XVIII. Não fiz ainda balanços, mas talvez me atreva a dizer que mais de 70% das edições e das obras são desse século. Teriam os conventos uma capacidade cada vez maior de se actualizarem

e de se enriquecerem? Estariam a despertar tardiamente para a leitura? Ou será que os exemplares tardios de obras com edições já bastante anteriores se devam explicar pelo desgaste e uso dos livros, que entretanto houve que renovar?

José Adriano de Carvalho, fundamentado no levantamento de referências da *Crónica Seráfica* e das *Cartas Espirituais*, propôs uma espécie de inventário do que designou por “biblioteca selectiva de espiritualidade para clarissas e franciscanas”⁸⁷, com base nos livros recomendados – porque os livros lidos poderiam não ter sido recomendados ou serem desconhecidos do orientador espiritual –, onde ressaltam as obras que a seguir se inventariam e, às vezes, os autores, sem indicação de que obra teria determinada religiosa aproveitado. Assinalaremos com asterisco as obras ou autores com recorrência significativa nos catálogos que agora estudamos, para o leitor ter uma ideia da representatividade dessa “biblioteca selectiva”:

**Exercícios Espirituais* de Ésquio

**Exercícios Espirituais* de Santo Inácio

**Trabalhos de Jesus* de Fr. Tomé de Jesus

**Directorio* de Religiosas de S. Francisco de Sales.

*Luis de la Puente

Alonso Rodríguez - Não nos aparece, estranhamente, nenhuma obra dele.

*Alonso de Andrade

*Itinerario Historial de Alonso de Andrade

*Eusébio Nieremberg

*Lorenzo Scupoli

*Vidas de Santos

Foi-nos possível, através destes catálogos de 16 conventos, confirmar a presença de algumas obras e de alguns autores em certas casas religiosas, particularmente nas clarissas, e assim transformar o condicional interrogativo *leriam?*, num possível afirmativo *podiam ter lido*. Os *catálogos do uso* até nos permitem acreditar que de facto *leram*.

Tipologias e especificidades

A função do livro é, como se depreende das listas transcritas, maioritariamente formadora e reguladora do comportamento cristão, o que explica de algum modo a abundância das tipologias hagiográficas, das crónicas, das biografias devotas, dos

⁸⁷ José Adriano de CARVALHO, “Do recomendado ao lido”, *op. cit.*, p. 28.

exercícios espirituais, dos memoriais da vida de Cristo, das vidas da Virgem e de alguns livros directivos da caminhada na vida religiosa, áreas em que cada um dos conventos é bastante rico, embora com obras que divergem bastante de casa para casa. Se a concentração de obras se verifica sobretudo em obras de formação e de metodologias espirituais, a dispersão deve-se, fundamentalmente, à área das devoções (chega a ser impressionante a variedade de santos contemplados em novenas ou em biografias). Parece fortemente significativo que, dos cerca de mil títulos trabalhados, mais de 150 se reportem a vidas de santos ou pessoas virtuosas e mais de 50 sejam novenas dedicadas a variadíssimos santos.

Trata-se, além do mais, de bibliotecas mais vocacionadas, na sua generalidade, para a ascese do que para a mística, facto que há que integrar no espaço cronológico em que as surpreendemos, já distanciado do impulso místico do século XVI.

Encontramos ainda, na generalidade destas bibliotecas e com uma considerável taxa de recorrência, diversas obras que, pegando em textos anteriores, colocam o problema da freira ideal e procuram exercer um magistério nesse sentido.

Ocasionalmente, aparece um *Vocabulário italiano e Espanhol* de um L. Fiorentino, de 1706, uma *Gramática e Arte Francesa* de D. Luís Caetano de Lima, editada no séc. XVIII, em Lisboa (ambas estas obras no mosteiro de Ave-Maria), obras que indiciam uma possível curiosidade das religiosas pela aprendizagem ou maior conhecimento de uma língua estrangeira, que lhes permitiria o acesso a outros livros, ou umas intrigantes *Révolutions de Portugal* de L'Abbé de Vertot, obra que, quer pela temática, quer pela língua francesa, destoa da globalidade tipológica destes catálogos. No convento da Encarnação, sob a tipologia de "Belas Letras", aparece uma *Agricultura de Jardins*, de Gregório de los Rios, editada em Madrid, tipologia que, estranhamente, também é única no total destes 16 conventos, onde esperaríamos ver algumas obras relacionadas com actividades manuais realizadas pelas religiosas, entre as quais, naturalmente, a jardinagem.

Relativamente ao que deveria ser o estatuto do livro nesta altura, além do estatuto de sacralidade associado aos livros sagrados, sobretudo os do Coro e os do Ofício Divino, para os quais algumas Regras consignavam, como já se disse, o dever de zelo, manutenção e reparação, os restantes livros parecem ter um estatuto de mero objecto utilitário, fonte de crescimento interior, de conhecimento divino e de inspiração para outros textos. Percorrem as crónicas monásticas várias referências a livros comentados nas margens e a livros da autoria de religiosas, cuja explicação só se encontra na citação de outros textos, nas paráfrases, na leitura. Aliás, *os livros do uso* eram isso mesmo: usados⁸⁸.

⁸⁸ "O *Directório* de S. Francisco de Sales traga-o consigo sempre", aconselhou Fr. António das Chagas a uma religiosa, na carta LXXX.

Alguns catálogos registam obras sem a indicação do autor, sem nome de impressor, etc., o que poderá sugerir uma eventual perda da capa e da folha de rosto dos livros, eventualmente por desgaste da leitura. Para as bibliotecas masculinas de que temos notícia através dos catálogos da exclausuração, há variadas referências a livros que se encontram em mau estado⁸⁹. É que o zelo do livro sagrado não se fez eco no livro do uso.

De acordo com Hans Robert Jauss, “la función social de la literatura sólo manifiesta sus auténticas posibilidades cuando la experiencia literaria del lector entra en el horizonte de expectativas de su vida práctica, moldea su interpretación del mundo y repercute en su comportamiento social”. E de facto parece ter sido este um dos critérios de selecção do livro nas bibliotecas monásticas femininas: escolher preferentemente obras pertencentes a uma tipologia formativa, muitas vezes conducentes a uma postura mimética, e susceptíveis de moldar internamente o comportamento das religiosas, tomando-o cada vez mais conforme não só com o paradigma da perfeita religiosa, como com aquele a quem as religiosas servem: Cristo.

Algumas estranhezas

Apesar de detentores de tipologias muito mais concentradas em torno de obras ascéticas e edificantes, os conventos femininos teriam com certeza uma maior diversidade de tipologias literárias do que o que dão a entender nestes catálogos. Estranhámos a raridade dos livros referentes à participação nas liturgias e nos sacramentos. Mesmo no âmbito dos livros específicos de uma comunidade religiosa, constata-se uma intrigante ausência ou escassez de certas tipologias, como por exemplo, de Regras⁹⁰ catecismos⁹¹, livros de Coro ou

⁸⁹ A publicação desses catálogos está a ser levada a cabo pelo Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade. Veja-se o já publicado *Da memória dos livros às bibliotecas da memória. I - Inventário da Livraria de Santo António de Caminha*, Porto, C.I.U.H.E., 1998.

⁹⁰ No que reporta às Regras, aparecem a *Regra de Santa Clara* nos conventos de franciscanas (Vila do Conde e Madre de Deus (onde aparece a 1ª e a 2ª Regra)), a *Regra de Santo Agostinho* em Celas, a de S. Francisco no Mosteiro de Ave-Maria, a de S. Bento, naturalmente, no Mosteiro de Ave-Maria e no Convento do Santíssimo Crucifixo, onde curiosamente não se regista a Regra de Santa Clara... e a *Exposição da Regra dos Frades Menores*, da autoria de Fr. Luís de Miranda, nos conventos da Madre de Deus e do Calvário de Évora. Há ainda o registo de umas *Constituições Gerais para todas as Freiras do P. Francisco*, sujeitas ao P. Geral e aprovadas pelo Capitulo Geral celebrado em Roma em 1639, no Convento de Santa Clara de Vila do Conde.

⁹¹ Aparece um *Catecismo Dialógico, Teatro do Dezengano, em que se representa a Doutrina Cristã e uma perfeita confissão*, da autoria de Fr. Manuel Evangelista, Lx, 1740, no Convento de Santos, onde também surge o *Aparelho para Sacramentos da Penitência e Eucaristia*, editado em Lx, 1748, anónimo. E, além do *Catecismo da Doutrina Cristã* de Bartolomeu dos Mártires no Convento do Bom

litúrgicos, saltérios⁹², breviários⁹³, bíblias (só aparece uma na Madre de Deus), diurnais, mariais e outros livros de natureza litúrgica. Parecendo-nos serem estas obras necessariamente dominantes em conventos, haverá que ensaiar uma explicação para a sua ausência em muitos catálogos. O facto de se tratar de livros que todos sabiam existir no interior dos conventos poderá ter levado as religiosas a nem sequer os referirem, por acharem que sobre esses textos oficiais e canónicos não poderia recair qualquer censura por parte da Real Mesa.

Também se pode colocar a questão de se saber se tais tipos de livros fariam parte do conceito que, no âmbito da vida conventual feminina, se entendia por livraria. De facto, não seria viável pensar-se a vida monástica fora das leituras dos livros de Coro, do breviário, do saltério, da Regra... E por isso talvez as religiosas tenham omitido estas tipologias, por as acharem não só isentas de qualquer suspeita - e não esqueçamos que o Edital explicitava as motivações que lhe deram corpo (“[...] devendo ocorrer aos danos que se podem seguir de tão prejudiciais livros por meio da qualificação das mesmas Livrarias, para neles por uma parte separar os Livros que forem nocivos à Religião e ao Estado e pela outra parte permitir aqueles que lhes forem úteis e que eu julgar convenientes [...]”⁹⁴) – como talvez por considerarem que essas tipologias não pertenciam ao conceito de livraria tal como elas o entendiam. É que, no contexto dos conventos e mosteiros femininos, o conceito de livraria talvez passasse mais pela noção de livros variáveis, facultativos, suplementares, opcionais...

Há lugar ainda para referir outro aspecto de relativa estranheza, que ressalta destes catálogos. O Edital régio obrigava ao recenseamento de todos os livros “impressos ou manuscritos científicos e literários, que tiverem nas suas casas, Lojas, Livrarias, o qual será reduzido a sete classes (...)”⁹⁵. Por isso, é intrigante a quase total ausência de manuscritos, sejam eles textos da autoria das religiosas ou cópias por elas realizadas para divulgarem um ou outro autor considerado proveitoso para

Sucesso e de um *Catecismo Romano* de Nicremberg no Convento de N. Sr^a dos Remédios de Campolide, nada mais se regista.

⁹² Regista-se a ausência de saltérios, mas a presença ocasional de comentários parafrásticos aos salmos. Curiosamente as duas únicas ocorrências deste género aparecem neste convento da Madre de Deus que tomámos como ponto de ancoragem: um da autoria de D. António de Cáceres e outro de Fr. João de Souto (O.S.A.).

⁹³ Registam-se apenas no Catálogo do Convento de Santos “2 jogos de Breviários”.

⁹⁴ Transcrição de parte do Edital régio de 10 de Julho de 1769, realizada por Mendo TRIGOSO - *Colecção de Legislação*, vol. 19, Lisboa, 1769-71, Doc. 21 e que aparece referida em Maria Adelaide Salvador MARQUES - *A Real Mesa Censória (...) op. cit.*, pp. 58-59.

⁹⁵ Mendo TRIGOSO, citado por Maria Adelaide Salvador MARQUES - *A Real Mesa Censória (...), op. cit.*, p. 58.

a comunidade. Os únicos exemplares manuscritos que estes catálogos registam é uma crónica “*en mano scripta Domenicana*”, no Convento de Santa Clara de Vila do Conde e a *Mística Cidade de Deus* de Lisboa, 1738, em Ave-Maria, de que se diz “Recopilação”. E no entanto, as crónicas e os bibliófilos falam-nos dessa fortuna de manuscritos no mundo conventual...

Como explicar este silêncio⁹⁶, à luz do conceito de biblioteca que nos vem interrogando? É provável que, no que concerne alguns textos de religiosas que nunca haviam sido publicados, a humildade, o receio de heresia e o facto de terem um circuito de difusão muitas vezes ignorado no exterior dos conventos possam justificar a prudência e o silêncio de quem organizou os catálogos, tanto mais que, como se sabe, não houve controlo, da parte da Mesa, sobre o processo de inventariação. De facto, foi na altura considerado “um grave discómodo mandar comissários examinar todas as Livrarias (...)”⁹⁷. Por isso, o rigor colocado em tal tarefa não foi suficientemente valorizado. Mas sabemos da existência de manuscritos que eram cópia de textos impressos – por constituir a cópia um processo mais económico de difusão do livro e permitir, ao mesmo tempo, a interiorização dos extractos copiados – no próprio Convento da Madre de Deus⁹⁸. Como explicar então o silêncio destes catálogos em torno da produção manuscrita, mesmo que se tratasse de textos mais antigos ou até pouco usados? Estariam tão fora de circuito que fossem ignorados? Estariam em tão mau estado que não tivessem sido motivo de interesse? Em todo o caso, a Real Mesa preocupava-se sobretudo com as obras vindas de prelos estrangeiros...

Este estranhamento adquire ainda maior sustentação quando compulsamos as espécies descritas nos catálogos com algumas afirmações de Fr. Jerónimo de Belém acerca deste Convento da Madre de Deus cujo catálogo tomámos como ponto de partida., onde o cronista refere a intensa prática de escrita das religiosas. E, se no

⁹⁶ Já desde 18 de Maio de 1768 se sabiam as 17 áreas sobre as quais recaíam as suspeitas e condenações da Mesa, que estaria mais interessada em averiguar a existência de livros associados a superstições e profecias, do que em pesquisar, nesta altura, livros heréticos. É que a Mesa, como afirma Maria Adelaide Marques, não negligenciando os livros que se opunham aos preceitos ortodoxos da religião, valorizava então “a defesa política”. Obras como as de Bandarra ou as de alguns jesuítas seriam, bem como as referentes a ensinamentos de feitiçaria, quiromancia, magia, etc., as preferentemente visadas nesta tentativa de controlo por parte da Real Mesa Censória (Ver Maria Adelaide Salvador MARQUES - *A Real Mesa Censória (...)*, *op. cit.*, p. 6). Esta intenção poderá ajudar a explicar a relativa falta de cuidado e de preocupação de exaustividade nos inventários enviados. Muitas obras devem ter ficado por inventariar, por se saberem, à partida, insuspeitas.

⁹⁷ *Idem, ibidem.*

⁹⁸ Uma religiosa da Madre de Deus copiava as doutrinas da Madre Ágreda, diz a *Crónica Seráfica* - *op. cit.*, Parte III, p. 316.

ano da impressão dessa *Crónica Seráfica*, em 1755, se indica a existência de obras da autoria de religiosas no Convento da Madre de Deus, é natural que ainda lá estivessem na década seguinte. Obras como *Poesia, Cartas e Obras Poéticas*, em um volume de quarto, *Meditações, e Exercícios Espirituais, com algumas considerações, e afectos para afervorar as almas na devoção do Santíssimo Sacramento (...)*, em um volume de 4º, *Tratados breves da Oração, pelas três vias: Purgativa, Iluminativa e Unitiva*, em 4º, *História das Veneráveis Religiosas do seu Mosteiro, de mais conhecida virtude*, em 4º, são algumas das obras em suporte manuscrito que o convento possuía, da autoria da Madre Soror Maria Madalena de Jesus e que, como se vê, atravessavam várias tipologias, do poético ao litúrgico e ao místico... Esta religiosa escreveu ainda, a acreditarmos em Fr. Jerónimo de Belém, um comentário parafrástico aos Salmos, intitulado *Exposição Parafrástica de alguns Salmos de David em sentido místico, dividida em duas partes*, em 4º, obra que as religiosas muito valorizaram (entenda-se, leram várias vezes e muitas delas) e que, “por ser feita em romance, se entrou na dúvida de poder-se usar dela sem escrúpulo; mas por se livrarem dele, recorreram as Religiosas ao Tribunal do Santo Ofício, donde alcançaram licença para o lerem, como a outro qualquer livro espiritual.”

Assim sendo, por que não fala o catálogo dessa obra? Por ser manuscrita? Mas o Edital pressupunha também uma relação de manuscritos...

O silêncio em torno das obras manuscritas redigidas por religiosas poderá bem dever-se à vontade de não fazer passar para o exterior a imagem de um certo protagonismo feminino, que poderia suscitar, dentro e fora do convento, sentimentos e sensibilidades difíceis de gerir. É provavelmente por isso que muitas produções de religiosas - que deveriam fazer parte do conceito de livreria da casa - não suscitam o interesse que as levaria a figurarem em listagens internas ou para o exterior e são conduzidas à fogueira, ao extravio ou ao desprezo. Algumas religiosas, de moto próprio⁹⁹ ou por conselho dos confessores, queimavam as suas próprias produções, acto sempre associado à humildade, visto exemplarmente como comportamento modelar e não como delapidação de património pertencente ao convento. A piedade devota, em todo o caso, arranjava modos de subtrair aos conventos textos de autoria das religiosas, sem termos a impressão, hoje, de que na altura esse acto fosse considerado subtracção de património.

⁹⁹ A propósito de Soror Maria Madalena de Jesus, do Convento da Madre de Deus, diz Jerónimo de Belém - *Crónica Seráfica*, *op. cit.*, Parte III, p. 408, que *algumas destas obras se conservam em seus próprios originais, e outras fez a Venerável Autora reduzir a cinzas; porque a sua humildade lhe negava o valor e estimação devida à preciosidade de seus escritos.*

A ausência de obras em Latim no catálogo deste Convento da Madre de Deus, que tantas obras herdou nessa língua por morte da Rainha D. Leonor¹⁰⁰, parece também insólita. E, mesmo atendendo às pilhagens de que o convento foi alvo, teria com certeza sobrevivido alguma...

Outros livros também o catálogo cala. O *Purgatório de S. Patrício*, que as religiosas liam em conjunto, como refere Jerónimo de Belém, não aparece registado. Estaria na cela de alguma religiosa e por isso ficou esquecido? E os *Exercícios* de Nicolau de Ésquio, que o Padre Chagas tanto recomendou¹⁰¹, só ocorrem, curiosamente, em conventos não franciscanos, como o da SS. Trindade e do Bom Sucesso e em edições muito tardias, já o século XVIII ia adiantado...

O *Guia de pecadores* de Fr. Luís de Granada aparece apenas no Convento de S. Bento de Ave-Maria, mas é provável que também fosse obra pertencente a outro qualquer convento, que por acaso não o terá registado. Teria a mesma função que teve em Milão, onde constituiu um texto copiado inúmeras vezes, com o objectivo das religiosas castigadas nas visitas episcopais saberem de cor alguns extractos e se emendarem¹⁰²? Lembremos que um capítulo desta obra terá sido provavelmente determinante na conversão de Fr. António das Chagas¹⁰³, e que o livro era bastante recorrente nas bibliotecas portuguesas da época, indiciando, mais uma vez, que a constituição de uma biblioteca conventual feminina não era específica das leitoras religiosas (o que permite subscrever a já citada afirmação de Angel Weruaga Prieto, para quem “las mujeres leen un género de libros destinados a priori a todo el mundo, pero del que ellas son las principales consumidoras”¹⁰⁴).

Estranhámos ainda, nestes catálogos, a ausência do *Psalterium B.V.Mariae*, sobretudo nesse Convento do Salvador de Évora, de onde, em 1673, como refere

¹⁰⁰ Cf. Jerónimo de BELÉM - *Crónica Seráfica (...)*, op. cit., Parte III, p. 82: *Item mando que todalas outras cousas, assi grandes, como pequenas de minha Capela, de que em este meu testamento não faço menção, nem as deixo assignadamente a outra parte, mando que se dem todas ao dito Mosteiro da Madre de Deus, assi as que andarem em minha Capela, como em qualquer outra parte da minha casa, que se são da minha Capela tudo se dê inteiramente, sem tirar nenhuma cousa do dito Mosteiro.*

Item deixo ao dito Mosteiro todos meus livros de latim, e os da linguagem, e quaisquer Breviários, diurnais, cadernos, contemplanções, orações, quantos se acharem em minha Capela, Oratório, arcas, todos se entreguem à Madre Abadessa do dito Mosteiro; e assi lhe seja entregue o Breviário, que agora mandei fazer para rezarem por ele no Coro, o qual é de pergaminho, porque ora rezam os Capelães em minha capela; e assi os livros por que me lem à mesa com todos os outros, que em minha casa acharem.

¹⁰¹ Ver cartas LXXIV, CCXLIII, CCLXXIX, CCXCVIII, por exemplo, na edição citada.

¹⁰² Cf. D. ZARDIN - op. cit., p. 225.

¹⁰³ Cf. Maria de Lourdes BELCHIOR - *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1953.

¹⁰⁴ *Libro y lectura en Salamanca (...)*, op. cit., p. 53.

José Adriano de Carvalho em *Das Edições de S. Boaventura em Portugal*, saiu o pedido da sua Abadessa, Soror Inês do Espírito Santo, enviado por carta a Manuel Ribeiro, Familiar do Santo Ofício, para que mandasse reimprimir essa obra que havia anos não se encontrava disponível. Este dado é significativo do modo como o movimento editorial também se desenvolveu mediante sugestão das religiosas e de como, no campo das leituras devotas, as abadessas se mostravam activas e despertas para a formação espiritual e para as necessidades da vida litúrgica. A edição deve ter saído nesse ano, embora não tenha local nem data.¹⁰⁵

Um facto que se nos afigura deveras sintomático da relativa falta de rigor com que suspeitamos se procedeu à elaboração destes catálogos - e de onde decorre a sua insuficiência como janela sobre o mundo da leitura conventual - é o silêncio em torno não só das obras manuscritas, como sobretudo das obras profanas. Será talvez por causa da função formadora e reguladora atribuída à livraria de um convento que os livros profanos são muitas vezes silenciados. É compreensível que os catálogos queiram calar a presença, nos conventos femininos, de certo tipo de literatura, sobretudo a mais dificilmente integrável numa tipologia religiosa. Por isso apenas captamos Quevedo e Rodrigues Lobo e Lope de Vega, autores que também escreveram obra devota, sendo por esse veio que aqui figuram. Refira-se Lope de Vega e os *Pastores de Belém*, ou *Vida de Sto Isidoro Lavrador*, ambas edições de inícios do séc. XVII, existentes no catálogo enviado pelo Convento da Madre de Deus. Quevedo também figura no catálogo deste mesmo convento, com *Política de Deus e governo de Cristo*, e com *Varias Obras*. O catálogo de Marvila também apresenta, de D. Francisco de Quevedo, o registo *Obras do mesmo*, datadas de Madrid 1570 (erro óbvio por 1670, ano em que saíram as *Três musas últimas castellanas*) e de Bruxelas 1664.

O catálogo de Marvila refere ainda Francisco Roiz Lobo, na celeberrima *Corte na Aldeia e Noites de Inverno*, editada em Lisboa em 1630 e catalogada sob o item "Belas Letras", e cujo conteúdo parece desajustado à vida conventual. Mas como se entenderá, por exemplo, a cultura extraordinária de uma D. Feliciano Maria de Milão, abadessa de Odivelas no tempo de D. João V, que cita Gôngora, Garcilaso, Petrarca, Quevedo, Lope de Vega, António Henriques Gomes, António de Mendonça, Hortênsio¹⁰⁶, etc., se não for ou por uma forte memória dos textos que conheceu antes de religiosa, ou pela existência de literatura profana no interior dos conventos? O conhecimento e destreza na prática poética de cariz profano não era

¹⁰⁵ José Adriano de Carvalho - *Archivo Ibero-Americano - Revista Trimestral de Estudios Historicos*, Año XLV, Enero-Diciembre, 1987.

¹⁰⁶ Ver Mss. 1408, fl. 52-63v. do Fundo Azevedo da B.P.M.Porto.

coisa estranha na vida conventual. Basta lembrarmos Soror Helena da Silva, do Mosteiro de Celas de Coimbra, que ordenou a vida de N. Sr^a a partir dos versos do poeta Virgílio.¹⁰⁷ Ai a encontramos leitora de Virgílio, de um pagão que o Renascimento humanista reintegrou na tradição cristã.

O Convento da Madre de Deus regista no seu catálogo *Sonetos e Canções* de Baltasar Estação, editados em Coimbra em 1604, mas a ocorrência é única entre os catálogos encontrados. Além disso, trata-se da poesia do Cónego da Sé de Viseu...

Catálogos e representatividade da escrita feminina

Estes catálogos não referem textos de poetisas religiosas e também silenciam— desta vez compreensivelmente — os textos que poetisas do século enviavam para os conventos, entre os quais se encontrava todo o chorriho de uma literatura de natureza obscena, que assolou alguma clausura feminina e à qual as religiosas respondiam às vezes no mesmo tom¹⁰⁸.

Apesar de os catálogos calarem a existência de literatura de cariz mais profano — são raras as ocorrências que se enquadram no item *Belas Letras* —, e de alguns conventos mais ardilosos apresentarem um assim intitulado “catálogo dos livros espirituais”, como se os livros de outro género não interessassem ao convento, embora pudessem lá existir, sabemos que as leituras femininas das religiosas, no interior do convento ou antes de para ele entrarem, tinham passado pela literatura profana (sobretudo pelas novelas de cavalaria...) de que guardavam memória. Assim o sugerem algumas crónicas que referem comédias e novelas como leituras de corte feitas pelas religiosas, antes de o serem. A memória desses livros ou desses autores não aparece historicamente explicitada em catálogos. Mas como entender a mestria poética e os poemas de amor profano de uma Soror Violante do Céu, por exemplo, senão no âmbito do manuseamento, real ou da memória, dessa poesia cancioneril que se faz eco nas *Rimas Várias* e em outras composições? E como entender, fora do conhecimento e do contacto estreito com a literatura de corte, a emergência de enigmas, por exemplo, nas obras de Soror Madalena da Glória? E a

¹⁰⁷ É evidente que se vivia então, nesse século XVI, num ambiente que procurava mostrar a utilidade da excelência da literatura pagã para a cultura cristã, procurando simultaneamente demonstrar-se que não eram incompatíveis, antes complementares. Cataldo alude a esta questão na *Carta ao Marquês de Vila Real* e Erasmo versou amplamente o assunto.

¹⁰⁸ Sobre a literatura de cariz erótico que circulou nos conventos femininos, veja-se Isabel MORUJÃO - “No deserto espiritual: entre a cruz e a grade”, comunicação apresentada ao *Colóquio do Porto. Psicanálise e Cultura*, subordinado ao tema “Erotismo no deserto: encenações”, realizado no Porto, em 10 e 11 de Maio de 2002 (no prelo).

matriz da novela pastoril em Soror Maria do Céu, de onde poderá vir senão dos paradigmas literários da corte?

Estes catálogos chamam ainda a atenção para um facto intrigante. Na sua maioria, não registam as obras das autoras da sua congregação, nem as de outras autoras religiosas. Como explicar que o Convento da Esperança, onde professaram e viveram Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória, não possuísse as suas obras, se não impressas, pelo menos manuscritas? Para o caso de Soror Maria do Céu, encontramos uma obra sua no Convento da Madre de Deus, mas justamente a edição castelhana, atribuída à autoria de D. Jaime de La Te e Sagau, da Ordem de S. Tiago, que foi o seu impressor. Trata-se, como é evidente, de *A Preciosa*. Teriam as religiosas consciência de que a obra que assim registavam era a de Soror Maria do Céu? A mesma Soror Maria do Céu, sob o anagrama de Marina Clemência, aparece incluída no catálogo do convento de S. Bento de Ave-Maria, com a obra hagiográfica *Vida e Martirio de Santa Catarina Rainha de Alexandria*, de Lisboa, 1714. Mas interrogamo-nos se quem organizou a lista saberia que se tratava de uma religiosa. Nem sequer a referiu como Madre ou Soror... Será que era uma obra lida no interior do convento?

Nestes catálogos aparece ainda, por duas vezes, uma no mosteiro de Chelas e outra no Convento do Santíssimo Crucifixo, a obra de Soror Teresa Juliana de S. Boaventura. Mas esta obra é registada como uma *Vida*, redigida pelo P.e Francisco Xavier e sobre a qual já tivemos oportunidade de nos debruçar em outro lugar¹⁰⁹, aparecendo os escritos desta religiosa só no 2º volume. Esta biografia, onde a produção poética de Soror Teresa Juliana só ocasionalmente aí surge, justamente na 2ª parte, foi com certeza adquirida pelo ou oferecida ao convento, por se tratar de uma biografia exemplar, inserida na tipologia hagiográfica e não por conter a produção poética da religiosa. O mesmo deve ter acontecido com a *Vida da Virtuosa Madre Maria Perpétua da Luz*, redigida por José Pereira de Santa Ana, onde aparecem transcritos os textos espirituais desta religiosa, e que se regista no catálogo do convento de Ave-Maria.

O catálogo do Convento de Santos refere uma *Novena de N. Sr.ª do Monte do Carmo*, da autoria de D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles, editada em 1747, em Lisboa. E nada mais se regista da autoria de religiosas portuguesas.

Estariamos à espera de ver as obras de uma D. Bernarda Ferreira de Lacerda que, mesmo sem ser religiosa, produziu obra de cariz devoto, na órbita da Ordem do Carmo, para onde queria ter entrado. Mas nem o catálogo de Santo Alberto a referencia...

¹⁰⁹ Ver Isabel MORUJÃO - "Poesia e Santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do séc. XVIII português", in *Via Spiritus*, Ano 3, 1996, pp. 235-261.

No cômputo geral, encontramos, ao todo, apenas cinco obras de religiosas portuguesas, em 16 conventos e num total de mais de 1000 títulos! Quanto a obras estrangeiras de autoria feminina, para além da Madre Ágreda e de Maria de la Antigua, de larga repercussão nos catálogos encontrados, há umas esporádicas ocorrências de uma Soror Ângela Maria da Conceição (Trinitária), com *Rego Espiritual*, no Convento da Madre de Deus, e de uma anónima clarissa, traduzida por Caetano Alberto.

No entanto, muito escreveram as religiosas na solidão das suas celas e retiros, para si mesmas, por solicitações externas, ou para actos comunitários. Muitas dessas obras foram editadas (talvez as melhores...), mas muitas outras não chegaram a ver a luz do prelo, por razões várias, que não cabe neste lugar aprofundar. Mas o que é importante dizer-se é que não há escrita sem leitura, não há criação sem memória literária: memória de formas, de temas, de autores, de modalidades enunciativas. Nesse sentido, a aproximação à prática da leitura nos conventos e mosteiros femininos permite também entrever esses espaços da memória, a partir dos quais se construíram textos edificantes, devotos, litúrgicos, espirituais. Os relatos hagiográficos e as crónicas ensinam-nos que foi muitas vezes em torno ou por causa da leitura de certa obra que algumas religiosas elaboraram as suas composições. É o caso de um Tomé de Jesus, por exemplo, que suscitou em Soror Violante de Jesus Maria a composição das suas inflamadas oitavas à cruz, já atrás referidas. As crónicas informam-nos também que os Salmos foram ecos permanentes em algumas religiosas, que os parafrazearam, explicaram, cantaram... E que os Exercícios Espirituais conduziram muitas vezes a vivências que encontraram expressão literária em modalidade poética (lembramos o *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel¹¹⁰).

As leituras funcionavam muitas vezes como campo de atracção constante (não era Soror Violante uma *grande leitora*?). Mas o que é *doce na boca como o mel*, revelava-se frequentemente *amargo nas entranhas*, como diz o Apocalipse, pelo que pressupunha de trabalho interior de aniquilamento de si e de reencaminhamento para Deus. E é quando a experiência de leitura se traduz numa experiência de escrita – tenha ela contornos verdadeiramente literários ou não – que este universo de livros e de leituras revela todo o seu dinamismo e importância.

Isabel Morujão

¹¹⁰ Ver Isabel MORUJÃO – *Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel, *op. cit.*